

Colônias espirituais X Dogmatismo de espíritas

**"Não se viram
outrora os sábios
se esforçarem
para demonstrar
que o movimento
da Terra era
impossível?"**



Paulo Neto

Colônias espirituais

X

Dogmatismo de espíritas

(Versão 14)

“O mundo invisível é um campo ainda novo de observações e seríamos presunçosos se pretendêssemos haver sondado todas as suas profundezas, quando incessantemente novas maravilhas se ostentam aos nossos olhos.”
(ALLAN KARDEC)

“Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível; o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que para nós ainda é mistério.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2023 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://www.estudonossolar.com.br/estudonl/images/2022/09/18/entradanossolar1.jpg>

Revisão:

Artur Felipe Ferreira

Hugo Alvarenga Novaes

Júlio César Moreira da Silva

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, maio/2023.

Agradecimentos

Não podemos deixar de agradecer aos amigos

Artur Felipe Ferreira,

Hugo Alvarenga Novaes,

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira e

Ricardo dos Santos Malta

pelo incentivo e sugestões ao presente ebook.

Índice

Prefácio.....	5
Introdução.....	8
Oportunas orientações do Codificador.....	17
Destaques do movimento espírita opinam.....	48
Breve análise do tema.....	88
A vida espiritual é uma ocupação contínua.....	137
A roupa do zuavo fruto de criação fluídica.....	147
Conclusão.....	153
Referências bibliográficas.....	159
Dados biográficos do autor.....	165

Prefácio

Ao adentrar nas páginas deste ebook instigante, somos conduzidos pela mente meticulosa e inquisitiva de Paulo Neto, um pesquisador espírita incansável.

Longe de impor suas próprias opiniões, sua busca é pura e desprovida de qualquer torção para encaixar ideias que não condizem com a realidade revelada.

Em um cenário em que muitos se perdem na teia do dogmatismo, forçando interpretações e moldando as palavras a seu bel-prazer, Paulo Neto destaca-se como uma voz sincera e comprometida em extrair a clareza e autenticidade das revelações. Sua abordagem é fundamentada na honestidade intelectual, jamais ultrapassando os limites daquilo que foi revelado pelos mestres iluminados que permeiam a codificação espírita.

A temática das colônias espirituais, tão

enigmática e fascinante, é explorada com maestria e perspicácia ao longo das páginas deste ebook. Paulo Neto nos presenteia com uma análise cabal e incontestável. A verdade sobre as colônias espirituais salta aos olhos do pesquisador sincero, aquele que mergulha nas profundezas do conhecimento com sede de sabedoria.

Cada citação, seja ela de Allan Kardec ou de outros renomados pesquisadores, comprova o trabalho meticuloso do autor, que se dedicou com esmero a essa pesquisa. O leitor é convidado a embarcar nessa jornada de descobertas, onde as palavras revelam uma verdade que transcende os limites do material e nos guia rumo às esferas espirituais.

Nas páginas que se seguem, encontraremos uma narrativa envolvente, embasada em fatos e sustentada por uma análise profunda.

Seremos conduzidos por uma mente inquisitiva, que não se contenta com respostas superficiais, mas busca desvendar os mistérios do plano espiritual com humildade e respeito.

Ao final desta leitura, tenho a convicção de que seremos agraciados com novas perspectivas, desafiando nossos conceitos preestabelecidos e nos incentivando a expandir nossos horizontes espirituais. Que este ebook seja uma fonte de inspiração e reflexão para todos aqueles que buscam a verdade com sinceridade e abertura de coração.

Que as palavras de Paulo Neto nos conduzam à compreensão mais profunda das colônias espirituais, revelando-nos um mundo vasto e cheio de luz, que aguarda por nossa evolução e despertar espiritual.

Que esta obra seja um farol de sabedoria, iluminando o caminho daqueles que anseiam pela verdade e pela liberdade de pensamento.

Adentremos, pois, nessa jornada de descobertas e transformações, guiados pela pluma habilidosa de Paulo Neto.

Ricardo dos Santos Malta
Lauro de Freitas (BA)

Introdução

Vimos recentemente no *YouTube* o vídeo “*Existem as colônias espirituais?*” ⁽¹⁾ cuja preocupação dos expositores foi a de demonstrar a **inexistência** das colônias espirituais, que nos desculpem se nossa percepção estiver equivocada.

Em outubro/2004, nos embrenhamos em uma profunda pesquisa sobre o tema, que resultou na publicação do livro ***As Colônias Espirituais e a Codificação*** ⁽²⁾, ocorrida em agosto/2015, foi esse o motivo que nos moveu a assisti-lo.



Cerca de nove meses depois foi a vez de publicarmos o ebook ***Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*** ⁽³⁾, no qual colocamos bases para ver que as colônias espirituais não são uma espécie de

imagem, mas algo bem mais sólido do que isso.

A nossa impressão inicial, embora possamos estar totalmente equivocados, vamos deixar registrada essa ressalva, é que os apresentadores, cheios de ironias e deboches aos que não comungam com suas opiniões a respeito do tema, expunham as suas ideias tendo como principal alvo a combater a obra *Nosso Lar*, ditada pelo Espírito André Luiz, pela psicografia do renomado médium Chico Xavier (1910-2002).

Em se contrapondo à existência delas, enfaticamente afirmaram que em *O Livro dos Espíritos*, publicado por Allan Kardec (1804-1869), nada tem a respeito de colônias espirituais, e como seu teor é produto de orientação dos Espíritos superiores, deveríamos aceitar essas e não abrir espaço para o que contém em *Nosso Lar*.

Desculpe-nos pela comparação, mas sinceramente esse tipo de atitude mais nos parece coisa própria de pessoas fanatizadas pela liderança da corrente religiosa que abraçam, que agem bem ao estilo ortodoxo: “tá na Bíblia eu aceito; não tá,

nada feito”.

Explicamos, por oportuno, que a expressão “colônias espirituais”, dentro da perspectiva que colocaremos, deve ser vista como construções no mundo espiritual. Não estamos, de modo algum, referendando as minuciosas descrições feitas por André Luiz nas suas obras.

Defendemos o conjunto, não as inúmeras particularidades dessas obras é dentro dessa visão que nos alinhamos a José Herculano Pires (1914-1979), que no cap. 32 - Mensagens espíritas no exterior confirmas as recebidas no Brasil, de **O Infinito e o Finito** (1983), esclarece-nos que:

[...] a existência de cidades espirituais no além-túmulo, de habitações, vegetais e animais, não é, como supõem, uma invenção dos espíritas. O Velho Testamento e o Novo Testamento, por exemplo, estão cheios de descrições dessa ordem. Basta lembrar-se o que diz Isaías (33:17,20) sobre “a terra de longe” e a “Sião da solenidade”, e o Apocalipse de João sobre a Jerusalém celeste.

No tocante às revelações mediúnicas, as descrições de André Luiz não constituem novidade, a não ser quanto ao que trazem de

peçoal, da maneira de ver do autor. Já em *O Céu e o Inferno*, Kardec apresenta descrições semelhantes. Na *Revue Spirite*, o codificador publicou numerosos relatos de além-túmulo no mesmo sentido. Sir Oliver Lodge apresenta quadros semelhantes em *Raymond*, Denis Bradley em *Rumo às Estrelas*, e assim por diante. Agora, a Editora *O Pensamento*, desta capital, acaba de lançar a tradução de *Life in the World Unseen*, de Anthony Borgia, com a versão do título para *A Vida nos Mundos Invisíveis*. O trabalho de tradução foi confiado a J. Escobar Faria, que realizou primoroso trabalho.

Temos nesse livro curioso uma nova versão da vida no além, com pormenores que confirmam plenamente as descrições de André Luiz. O autor espiritual é o ex-reverendo Robert Hugh Benson, filho de um ex-arcebispo de Cantuária, que à maneira de André Luiz, relata sua passagem para o lado de lá e descreve esse lado. A segunda parte do livro oferece-nos uma espécie de geografia dos planos espirituais mais próximos da face da Terra. Benson, que na vida terrena escrevera a propósito de assuntos espirituais, dando interpretação capciosa a algumas de suas experiências psíquicas, procura corrigir nesse livro os seus erros dogmáticos de então. Os religiosos em geral, e os espíritas em particular, encontrarão em *A Vida nos Mundos Invisíveis* muito material para comparação com as descrições dos textos sagrados e das comunicações mediúnicas obtidas em nosso país. Esse confronto, para os

espíritas, atende a um dos requisitos do método doutrinário, para aceitação das informações espirituais: o do consenso universal, estabelecido pelo codificador. ⁽⁴⁾
(Informamos que nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos)

Temos aí, portanto, a opinião da “maior autoridade dos princípios espíritas” aceitando a ideia das colônias espirituais, questionava somente quanto aos pormenores que destaca ser da alçada do autor espiritual.

No artigo “Algumas refutações”, publicado na ***Revista Espírita 1863***, mês de junho, Allan Kardec, reclamou que:

O Espiritismo é acusado, por alguns, de estar fundado sobre o mais grosseiro materialismo, porque admite o perispírito, que tem propriedades materiais. [...]. ⁽⁵⁾

Algo muito semelhante vem acontecendo com os que aceitam construções no mundo espiritual, que são acusados de materializá-lo.

Na **Revista Espírita 1869**, mês de abril, o Codificador fazendo um resumo dos princípios da Doutrina Espírita, afirmou que:

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, que são eles mesmos fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Ver a *Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluídos e das criações fluídicas.)⁽⁶⁾

Se somarmos estes dois itens à informação de que os objetos criados pelos Espíritos têm como fonte a matéria própria do mundo espiritual:

a) que **o Espaço** universal, “[...] que te parece vazio, **está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos** e aos teus instrumentos.”⁽⁷⁾;

b) “embora fluídico, **o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria**, [...]”⁽⁸⁾ ou “Ainda que invisível para nós no estado normal, o perispírito é matéria etérea. [...]”⁽⁹⁾

Então, perguntamos: Qual a razão de se estranhar construções no mundo espiritual, produzidas com a matéria que lhe é própria?

Ademais, na **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, Allan Kardec faz interessante consideração a respeito da “matéria própria do mundo espiritual”, senão vejamos:

Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. [...]. ⁽¹⁰⁾

A tendência de querer ver tudo pela ótica materialista, faz com que algumas pessoas que se dizem espiritualista tenham a matéria do mundo espiritual de idêntica consistência à do mundo físico, eis o grande problema, do qual não têm consciência.. Portanto, utiliza-se de uma base equivocada para apoiar e justificar a crença de não haver construções no mundo espiritual.

E, finalizando, vamos trazer um trecho do artigo “Sensações dos Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de dezembro, que *in totum* foi levado à 2ª edição de *O Livro dos Espíritos* como o item 257:

Interrogamos a milhares de Espíritos, que pertencem a todas as camadas sociais e a todas as posições; estudamo-los em todos os períodos de sua vida espiritual, desde o momento em que deixaram o corpo; seguimo-los passo a passo nessa vida de além-túmulo, a fim de observar as mudanças neles operadas, nas ideias, e nas sensações. [...]. ⁽¹¹⁾

Não temos muita certeza, mas parece-nos ter ouvido alguns confrades dizendo que na elaboração de todas as obras da Codificação Allan Kardec teria se valido da opinião de 3.000 Espíritos. Essa é a razão de trazermos o teor dessa transcrição.

Vamos analisar esta afirmativa do Codificador: “interrogamos milhares de Espíritos”. Considerando que Allan Kardec iniciou as reuniões por volta de abril/1856 e a fala acima foi registrada em dez/1858, então, nesse período, descontados os meses de nov.

e dez., gastos para escrever, revisar e publicar o artigo, teríamos 134 reuniões ⁽¹²⁾ levando-se em conta que as sessões ocorriam uma vez por semana, às sextas-feiras a 8h da noite ⁽¹³⁾.

Ora, tomando como “milhares” apenas 2.000 Espíritos (se está no plural, não pode ser menos), teríamos manifestando por reunião 14 Espíritos.

Supondo que cada um se comunicou por apenas uns 15 minutos, chegaríamos ao total de 210 minutos, ou seja, a reunião duraria 3:30h, conseqüentemente, terminaria às 23:30h.

Se elevarmos a quantidade para 3.000 Espíritos, o número de manifestantes pularia para 22, com o tempo de reunião de 5:30h, portanto finalizaria às 1:30h da madrugada. Então, s.m.j., entendemos que o mais provável é que o “milhares de Espíritos” seja uma expressão simbólica.

Oportunas orientações do Codificador

Em nossa percepção, os confrades opositores à existência das colônias espirituais, alguns até de forma ferrenha, diga-se de passagem, cometem três erros crassos:

1º) Supor que tudo quanto existe nas obras da Codificação Espírita é revelação de Espíritos superiores;

2º) Defender a ideia de que nada mais pode ser revelado, como se os Espíritos superiores já tivessem passado tudo quanto deveríamos saber;

3º) Pensar que, para os espíritas, as colônias espirituais corresponderiam ao “céu” da teologia cristã.

Vamos comentar algo a respeito de cada um desses itens.

Qual a verdadeira origem de tudo aquilo que

Allan Kardec escreveu nas obras da codificação?

Podemos dizer que são três as fontes que, seguramente, se pode perceber:

1ª) Revelação dos Espíritos superiores;

2ª) Exame e análise das informações de Espíritos inferiores; e

3ª) Das conclusões do Codificador diante de fatos que examinou ou, até mesmo, foi testemunha.

A nosso ver, tudo isso se pode depreender deste trecho de uma explicação do Codificador constante do cap. I - Caráter da Revelação Espírita, item 13 de **A Gênese**:

[...] enfim, porque a Doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega* porque é deduzida, pelo **trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as consequências e aplicações.** [...]. ⁽¹⁴⁾ (itálico do original)

Aos que buscam sustentação nas revelações

dos Espíritos superiores para dizer que tudo que nela consta está correto, uma vez que eles não erram, ou seja, são infalíveis, sentimos muito em informar que lhes falta aprofundamento doutrinário. Como assim? Comprovaremos que importantes mudanças ocorreram no desenrolar da revelação espírita, fato que a maioria dos adeptos da Doutrina Espírita não tem o menor conhecimento.

Mas antes, é oportuno trazer este trecho inicial da mensagem de Channing, constante do artigo “O saber dos Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1860**, mês de agosto:

No estudo do Espiritismo **há um erro muito grave** que se propaga cada dia mais e que se torna quase o móvel que faz os outros virem a nós: **é o de nos julgarem infalíveis em nossas respostas**. Pensam que tudo devemos saber, tudo ver, tudo prever. Erro! Grande erro! [...]. ⁽¹⁵⁾

O Espírito Channing está completamente certo, e é uma coisa até fácil de provar.

Vamos apresentar apenas três situações, das sete importantes mudanças que identificamos entre

a 1ª e a 2ª edição de *O Livro dos Espíritos* ⁽¹⁶⁾, que tratamos no artigo “**Mudanças de posição após publicação da 1ª edição de O Livro dos Espíritos**” ⁽¹⁷⁾:

1ª) Alteração em relação ao momento de ligação do Espírito ao corpo. Na 1ª edição de *O Livro dos Espíritos* foi dito que era no instante do nascimento tal e qual o dogma “inquestionável” das igrejas cristãs, e que, antes de nascer, a criança vivia como as plantas ⁽¹⁸⁾.

Porém, quando da 2ª edição, esse momento passou a ser o da concepção ⁽¹⁹⁾. O que questionamos é: se todas as respostas às questões



propostas por Allan Kardec foram dadas por Espíritos superiores, como explicar essa drástica mudança?

2ª) Da condição do perispírito não ser parte integrante do Espírito, podendo “privar-se” dele ⁽²⁰⁾, na 1ª edição. Na 2ª, passa a ser “parte integrante” ⁽²¹⁾.

Da mesma forma que no item anterior, não encontramos nenhum motivo para explicar essa mudança das informações procedentes dos Espíritos superiores.

3ª) Na 1ª edição, a resposta em relação à possibilidade de a alma humana ter passado pelo reino animal é negativa ⁽²²⁾; mas, quando da 2ª edição, tal estágio evolutivo foi positivo ⁽²³⁾.

Numa das falas de Allan Kardec vimos que o que não muda são “as bases e os pontos fundamentais”, portanto, quanto aos detalhes, esses, sim, podem estar sujeitos a novos complementos ou de novas explicações de acordo com a nossa evolução e capacidade de entendimento.

A reencarnação é um princípio que não mudará, porém, quanto aos detalhes pelos quais ela se processa é bem outra história que à época de Allan Kardec não foram detalhados.

É quanto a isso que devemos entender, para que não ultrapassemos o Codificador, colocando um ponto final onde ele não pôs ao não admitir nenhuma

nova revelação.

É preciso retomar a duas coisas, que se completam, embora já as dissemos por “milhares” de vezes visando chamar a atenção sobre importantes falas de Allan Kardec:

1ª) **Revista Espírita 1866**, mês julho:

[...] **O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo**; não faz senão colocar-lhe **as bases e os pontos fundamentais**, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. [...]. ⁽²⁴⁾

Se *O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo de Espiritismo, como dito pelo Codificador, outras coisas lhe podem ser acrescentadas, conforme deixou claro, “pelo estudo e pela observação”.

Portanto, essa obra, e de igual modo nenhuma outra publicada por ele, não deve ser tomada à conta de uma espécie de Bíblia dos espíritas.

2ª) **Revista Espírita 1864**, mês de abril:

Os Espíritos superiores procedem, em suas revelações, com uma extrema sabedoria; **não abordam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender as verdades de ordem mais elevada**, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma ideia nova. **É por isso que, desde o começo, não disseram tudo, e ainda não disseram tudo hoje**, não cedendo jamais à impaciência das pessoas muito apressadas, que querem colher os frutos antes de sua maturidade. [...]. (25)

Essa graduação das “revelações”, princípio básico do Espiritismo, põe por terra a crença de que tudo está nas obras publicadas por Allan Kardec, e que, portanto, nada mais lhes cabe acrescentar.

Por outro lado, parece-nos que muitos confrades não conhecem esse seu esclarecimento publicado na ***Revista Espírita 1867***:

[...] **estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível**, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores. **O Espiritismo não**

fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida. Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias. Não procede senão por observações e deduções. [...]. ⁽²⁶⁾

Allan Kardec esclarece, de forma a não deixar nenhuma margem à dúvida, que seu trabalho apenas “abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações”.

Bem ciente de que sua missão era a de colocar os alicerces fundamentais do Espiritismo, não sendo a de construir todo o edifício, como poderia pensar algumas pessoas.

Em ***O Livro dos Espíritos***, publicado pela Mundo Maior, o “Prefácio” é assinado por Hermínio C. de Miranda (1910-2013), renomado escritor e pesquisador espírita, como todos nós sabemos.

Não podemos deixar de registrar esse trecho de sua fala:

[...] Se assim fosse, estaria em contradição

consgo mesma, de vez que a evolução é de sua própria essência. **Sempre haverá, portanto, em torno dela, regiões pouco exploradas e até ignoradas à espera de estudo. É necessário, sim, preservar a pureza doutrinária, mas não sufocá-la em uma redoma que lhe retire o oxigênio do qual necessita para interagir com o que se passa à sua volta.** Ela é o nosso instrumento de trabalho, de aferição e de busca. [...]. (27)

Do artigo “Constituição transitória do Espiritismo”, item III - Dos cismas, 12º parágrafo, publicado na **Revista Espírita 1868**, destacamos:

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, senão a título de hipóteses até a confirmação. Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. (28)

Infelizmente, o que estamos presenciando é espíritas sufocando o Espiritismo, pois agem como se fanáticos fossem. Bem nos disse o jornalista José Herculano Pires: “Do ponto de vista espírita, um fanático espírita, é uma aberração, porque o

Espiritismo é uma doutrina racional, que não comporta fanatismo.” (29)

Mais do que previdente, Allan Kardec também deu orientação quanto ao critério para aceitar novas revelações. Disse que elas deveriam passar pelo crivo do **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**, sustentado nestes três pontos:

1º) ter lógica;

2º) ter como fonte a produção mediúnica de vários médiuns desconhecidos uns dos outros, e

3º) que eles residam em diferentes localidades mundo afora.

A questão da lógica foi ressaltada, em vários momentos, ao longo do vídeo. Entretanto, ela é apresentada como algo restrito e pessoal.

No artigo “Profissão de fé espírita americana”, publicado na **Revista Espírita 1869**, mês de abril, há o seguinte item (12) no qual Allan Kardec ressalta:

As comunicações dos Espíritos são opiniões

peçoais que não devem ser aceitas cegamente. O homem não deve, em nenhuma circunstância, fazer abnegação de seu julgamento e de seu livre-arbítrio. Seria da prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo o que vem dos Espíritos; **eles dizem o que sabem; cabe a nós submeter seus ensinamentos ao controle da lógica e da razão.** ⁽³⁰⁾

Portanto, fica evidenciado que o Codificador, judiciosamente, orientou para que as revelações dos Espíritos fossem submetidas ao controle da lógica e da razão.

Porém, o que não se leva em conta é que cada um de nós tem conceito diferente do que seja lógico ou não para determinada situação. Certamente, isso é fruto da diversidade de pensamentos e, em alguns casos, do nível de profundidade com que cada um de nós domina os assuntos.

Nós espíritas, por exemplo, achamos a ideia da reencarnação lógica, mas o mesmo não pensa a maioria dos evangélicos e parte significativa dos católicos. Um pouco mais à frente, no capítulo “Breve análise do tema”, voltaremos a esse tópico, momento que veremos como Allan Kardec pensava a

respeito de como a lógica deveria ser aplicada.

Há um detalhe importante a respeito do **CUEE** que é preciso ser esclarecido ⁽³¹⁾, vejamos os seguintes trechos de falas do Codificador na **Revista Espírita**, pela ordem:

a) *Revista Espírita 1861*: “sobre **diversos pontos** [do globo]” ⁽³²⁾.

b) *Revista Espírita 1864*: “em **diversos pontos** [do globo]” **ao mesmo tempo**” ⁽³³⁾.

c) *Revista Espírita 1865*: “sobre **os diversos pontos** do globo” ⁽³⁴⁾.

d) *Revista Espírita 1867*: “sobre **todos os pontos** do globo” ⁽³⁵⁾.

O problema que surge é quanto a expressão “ao mesmo tempo”, que se toma ao pé da letra. Ora, no mesmo artigo publicado na **Revista Espírita 1864** em que ela é usada, podemos também ler um pouco antes:

Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí está também a causa de sua propagação tão rápida. Ao passo

que a palavra de um único homem, mesmo com o recurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao ouvido de todos, eis que **milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os pontos da Terra** para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. [...]. ⁽³⁶⁾

Será que as milhares de vozes se fizeram ouvir simultaneamente, ou podemos entender como em um período curto de tempo? Se aqui é preciso levantar em conta o simbolismo, por que a expressão “ao mesmo tempo” deverá ser tomada literalmente?

Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, foi publicado o artigo “Manifestação do espírito dos animais”, após relatado o caso, um Espírito se manifesta, sobre o teor da mensagem Allan Kardec, em nota, disse:

Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje **nas instruções**

dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo. ⁽³⁷⁾

Do artigo “As mulheres têm alma?”, publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de janeiro, destacamos:

[...] Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelo raciocínio mas pelos fatos, seja pelas revelações de além-túmulo, seja pelo estudo que ele é capaz de fazer diariamente sobre o estado das almas depois da morte. E, coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um único homem, nem das revelações de um único Espírito, mas o **produto de inumeráveis observações idênticas feitas diariamente por milhares de indivíduos, em todos os países, e que receberam a sanção poderosa do controle universal**, sobre o qual se apoiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações. ⁽³⁸⁾

Na **Revista Espírita 1866**, mês de junho, foi publicado o artigo “Os Evangelhos explicados”, obra de autoria de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879),

sobre a qual Allan Kardec comenta:

O autor dessa nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar **essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal,** e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita. ⁽³⁹⁾

No artigo “Extrato dos manuscritos de um jovem médium bretão – Os alucinados, os inspirados, os fluídicos e os sonâmbulos (Segundo artigo)”, publicado na **Revista Espírita 1869**, mês de julho, lemos:

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, ter lido no número da *Revista* de fevereiro de 1868, a primeira parte deste estudo interessante em mais de um ponto de vista. Publicamos hoje a sua continuação, deixando ao Espírito que a inspirou toda a responsabilidade de suas opiniões, e nos reservando analisá-las um pouco mais tarde.

Entregamos esses documentos ao exame de todos os espíritas sérios, e **seremos reconhecidos àqueles que quiserem nos transmitir sua apreciação, ou as instruções das quais poderão ser objetos da parte dos Espíritos.** A *Revista Espírita* é, antes de tudo, um jornal de estudo, e, a este título, ela se apressa em recolher todos os elementos de natureza a esclarecer a marcha de nossos trabalhos, **deixando ao controle universal, apoiado sobre os conhecimentos adquiridos o cuidado de julgá-los em última instância.** ⁽⁴⁰⁾

O que temos em comum nessas quatro últimas transcrições é o fato de o controle universal ser feito *a posteriori*. Assim, entendemos que, na verdade, as instruções dos Espíritos não tenham que ser enviadas “ao mesmo tempo”, ou seja, “simultaneamente”.

Acreditamos que isso seja extremamente fácil de comprovar, basta observar que as mensagens

registradas nas obras da Codificação não contêm a hora em que foram psicografadas, algumas nem mesmo consta o dia do evento.

Aliado a isso, não vimos Allan Kardec instruindo às comunidades espíritas para que nas mensagens recebidas, em seu meio, constassem o dia e hora da comunicação. Ora, sem esses dois dados, especialmente o da hora, não há como comprovar a simultaneidade.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de setembro, no artigo “Propagação do Espiritismo”, encontramos a seguinte frase de Allan Kardec, que, talvez, possa ser aplicada ao caso:

Nenhuma ideia nova, por mais certa e bela que seja, se implanta instantaneamente no espírito das massas; e aquela que não encontrasse oposições seria um fenômeno insólito.

⁽⁴¹⁾

Assim, é fácil compreender que surgirão resistências, especialmente, da parte das pessoas que se comportam como os dogmáticos, às vezes sem se darem conta disso.

No artigo “O tambor de Bérésina”, publicado no mês de julho na **Revista Espírita 1858**, após a questão 69, há uma nota do Codificador que vale a pena ser mencionada:

Esse Espírito, como se vê, é pouco avançado na hierarquia espírita: ele mesmo reconhece sua inferioridade. Seus conhecimentos são limitados; mas há nele bom senso, sentimentos honoráveis e benevolência. Sua missão, como Espírito, é bastante ínfima, [...] **Suas respostas têm a simplicidade da ignorância; mas, por não terem a elevação da linguagem filosófica dos Espíritos superiores, não são menos instrutivas como estudo dos costumes espíritas,** se assim podemos nos exprimir. **É somente estudando todas as classes desse mundo que nos espera, que se pode chegar a conhecê-lo,** e, de algum modo, nele marcar antecipadamente o lugar que cada um de nós pode aí ocupar. Vendo a situação que se prepararam, por seus vícios e suas virtudes, os homens que foram nossos iguais nesse mundo, é um encorajamento para nos elevar, o mais possível, desde este: é o exemplo ao lado do preceito. **Não é demasiado repetir que para bem conhecer uma coisa, e dela se fazer uma ideia isenta de ilusões, é preciso vê-la sob todas as suas faces,** do mesmo modo que o botânico não pode conhecer o reino vegetal senão observando desde o modesto criptógamo escondido sob o musgo, até o carvalho que se eleva nos ares. ⁽⁴²⁾

Portanto, temos a afirmação do próprio Codificador de que, na elaboração da Codificação Espírita, ele também contou com informações de Espíritos “pouco avançados na escala espírita”.

Transcrevemos o seguinte parágrafo do artigo “Balthazar ou o Espírito gastrônomo”, publicado na ***Revista Espírita 1860***, mês de novembro:

Certas pessoas creem que nada se pode aprender senão com o Espírito dos grandes homens: é um erro. Sem dúvida, só os Espíritos de elite podem nos dar lições de alta filosofia teórica, mas o que não nos importa menos é o conhecimento do estado real do mundo invisível. **Pelo estudo de certos Espíritos, conhecemos de alguma sorte a natureza sobre o fato;** é vendo as feridas que se pode encontrar o meio de curá-las. Como nos daríamos conta das penas e dos sofrimentos da vida futura, se não víssemos Espíritos infelizes? Por eles compreendemos que se pode sofrer muito sem estar no fogo e nas torturas materiais do inferno, e esta convicção, que **o espetáculo da baixa população da vida espírita dá, não é uma das causas que menos contribuiriam para reunir os partidários da doutrina.** ⁽⁴³⁾

Aliás, certamente que não se conhece como

vive a população de determinada cidade, ouvindo apenas os que se encontram no topo da pirâmide social/econômica.

Dois pontos importantes é preciso destacarmos:

1º) os Espíritos errantes não ficam vagando pelo espaço, como nos parece supor alguns:

Do artigo “Onde está o céu?” (44), publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de março, transcrevemos:

Se bem que os Espíritos estejam por toda a parte, **os mundos são os lares onde se reúnem de preferência, em razão da analogia que existe entre eles e aqueles que os habitam.** Ao redor dos mundos avançados são muitos os Espíritos superiores; **ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores.** A Terra é ainda um destes últimos. **Cada globo tem, pois, de alguma sorte, a sua população própria em Espíritos encarnados e desencarnados,** que se alimenta, em maior parte, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. [...]. (45)

Entendemos, que os Espíritos errantes, que não possuem evolução moral para poder reencarnar

em outro planeta, ficam imantados ao redor da Terra, e, possivelmente, em faixa vibratória que lhe é compatível, às vezes essa é designada de “esfera espiritual”.

2º) que “semelhante atrai semelhante” (46):

De **O Livro dos Espíritos**, vamos destacar o seguinte trecho da resposta à questão 278, que será mais à frente transcrita na totalidade:

“[...] Eles [os Espíritos errantes] se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. **É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade** e formam grupos ou famílias de Espíritos, **unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam**: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e **pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.**”

As colônias espirituais não seriam uma criação de Espíritos bons que visam ajudar os retardatários, utilizando-se, objetivamente, da matéria própria do mundo espiritual, ainda que seja invisível e

impalpável para nós? Esses retardatários, agrupados por nível vibracional (em esferas), dentro da lei “semelhante atrai semelhante”, são o alvo dos Espíritos bons.

No cap. “A história de Swedenborg” de ***História do Espiritismo***, destacamos a seguinte informação de Arthur Conan Doyle a respeito desse médium:

Verificou que **o outro mundo**, para onde vamos após a morte, **consiste de várias esferas**, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; **cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual**. Somos julgados automaticamente, por uma lei espiritual das similitudes; o resultado é determinado pelo resultado global de nossa vida, de modo que a absolvição ou o arrependimento no leito de morte têm pouco proveito. **Nessas esferas verificou que o cenário e as condições deste mundo eram reproduzidas fielmente, do mesmo modo que a estrutura da sociedade**. Viu casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais, palácios onde deviam morar os chefes. ⁽⁴⁷⁾

Várias outras obras, como veremos, também citam a existência de esferas espirituais ou

vibracionais. Como o nome de Swedenborg causa espécie a alguns confrades, mais à frente falaremos um pouco sobre ele.

Será que para entender a nossa maneira de ver as coisas deve-se negar o testemunho de pessoas dignas de confiança?

Há um relato do médium Chico Xavier que é preciso ser mostrado. Do livro **Entrevistas - Francisco Cândido Xavier/Emmanuel**, capítulo “Assuntos Humanos”, transcrevemos:

9 – A CIDADE “NOSSO LAR”

P – O Espírito de André Luiz descreveu experiência de sua vida na condição de desencarnado, numa cidade espiritual em seu livro, exatamente es te que aqui está, traduzido para o japonês (“Nosso Lar”). **Como médium o senhor pode atestar cidades como esta, fora do plano terrestre?**

R – Eu não posso transferir a minha certeza àqueles que me ouvem, mas posso dizer que, em 1943, quando o espírito de André Luiz começou a escrever por nosso intermédio senti grande estranheza com o que ele ditava e escrevia.

Certa noite, tomadas as providências necessárias, segundo a orientação de **Emmanuel**, **ele próprio e André Luiz me levaram a**

determinada parte, a determinado bairro da cidade de “Nosso Lar”. Posso dizer que fui em desdobramento espiritual na chamada zona hospitalar da cidade. Foi para mim uma excursão espiritual inesquecível, como desfrutasse os favores de um espírito liberto.

Mas, eu preciso explicar aos telespectadores que fui em função de serviço, naturalmente, assim como um animal – no tempo em que não tínhamos automóvel, locomotiva e avião – um animal que servia a professores para determinados tipos de viagem.

Vi muita coisa maravilhosa sem compreender tudo ou entender muito pouco, porque fui em função de serviço, não por mérito.
(⁴⁸)

Aqui temos um testemunho pessoal do médium que diz ter visitado a colônia Nosso Lar, a negação de sua existência faz com que ele seja tomado como um mentiroso, falha de caráter que não tivemos notícia de ser característica de sua personalidade quando vivo entre nós.

No artigo **“Colônias Espirituais: Análise Doutrinária”**, o autor Ricardo dos Santos Malta, explica o que são elas:

Mas, afinal, o que é uma colônia espiritual? Seria uma região circunscrita semelhante ao céu teológico? É o que iremos analisar adiante.

Ora, sabemos que não existem locais determinados e circunscritos no plano espiritual. Todavia, não há como negar que **os Espíritos se reúnem por simpatia**, isto é, que os desencarnados se agrupam na dimensão espiritual pela lei de afinidade. **Por óbvio, essa reunião poderá moldar um ambiente de harmonia ou de perturbação, de acordo com o psiquismo dos seus habitantes.**

Pode-se afirmar com segurança que no “mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má; dignem-se, os que daquele modo se pronunciam, de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas a escória popular” (*O Livro dos Espíritos*. Introdução. Item X).

Uma Colônia espiritual nada mais é do que uma cidade fluídica, criada pelo próprio psiquismo dos Espíritos, que se reúnem em grupos, por afinidade, constituindo “um mundo do qual o vosso dá uma vaga ideia” (LE. Q. 278), ou, nas palavras do ilustre Léon Denis: “Espíritos similares se agrupam e constituem verdadeiras sociedades do invisível.” ⁽⁴⁹⁾ ⁽⁵⁰⁾

Um ponto importante a acrescentar é que tais construções fluídicas são provisórias, portanto elas nada têm a ver com o “céu”, cuja crença é

incompatível com o saber espírita.

Tratam-se de algo transitório que deixará de existir assim que a evolução moral dos Espíritos venha posicioná-los em um grau evolutivo mais elevado, prescindindo, dessa forma, de serem orientados sobre a situação do mundo espiritual.

Por outro lado, não são todos os Espíritos que passam por uma colônia, mas somente aqueles que não possuem evolução espiritual para se vincular a uma esfera vibracional mais elevada.

Na obra *Nosso Lar* vamos encontrar várias referências de que essa colônia é “uma zona de transição” (51).

No Capítulo VI – André Luiz, da obra ***Chico Xavier, o Homem e o Médiun***, a certa altura, o biógrafo Mickaël Ponsardin esclarece a respeito de *Nosso Lar*:

[...] **Trata-se de colônia situada nas esferas espirituais vizinhas da Terra.** Com um milhão de habitantes, essa **verdadeira cidade do Além** foi fundada por colonos portugueses que desencarnaram no século XVI, no Brasil. ***Nosso lar não é uma morada de espíritos bem-***

aventurados, mas zona de transição em que se acham espíritos que trabalham para a sua melhoria moral e para bem-estar do próximo. Tais locais se fazem necessários, visto que o homem não se transforma miraculosamente em anjo quando se separa do corpo, mostrando-se, logo após a morte, tal qual era antes. [...]. ⁽⁵²⁾
(itálico do original)

Mickaël Ponsardin, residente em Lyon, espírita desde a adolescência, é também autor de *Lyon et le Spiritisme*. O fato que julgamos muito curioso é que temos um espírita francês, ou seja, alguém fora do movimento espírita brasileiro, que não julgou ser nada estranho a existência de colônias no mundo espiritual.

Veremos também essa ideia na obra *A Crise da Morte*, autoria do notável pesquisador italiano Ernesto Bozzano (1862-1943) que, por julgarmos não ser o momento oportuno, optamos em citá-las mais à frente.

Há uma particularidade na maneira de trabalhar de Allan Kardec que poucos estudiosos espíritas perceberam. Dos volumes da ***Revista Espírita***, destacamos estes cinco registros com suas

falas:

“[...] devemos nos render à evidência **dos fatos**. [...]” (53)

“[...] não adoto uma ideia senão se ela me parece racional, lógica e está de acordo com **os fatos** e as observações, se nada sério vem contradizê-la. [...]” (54)

[...] contra **os fatos**, é preciso, necessariamente, abaixar as armas. (55)

[...] Contra **os fatos** não há nem oposição nem negação que possam prevalecer. [...]. (56)

[...] **Os fatos** são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados. **Foi este princípio que serviu de base à Doutrina Espírita, e é o que nos leva a dizer que é uma ciência de observação.** (57)

É até óbvio por demais que, para elaboração dos princípios doutrinários, Allan Kardec sempre teve como base **os fatos**, inclusive diante deles alterou revelação dos Espíritos, que anteriormente lhe fora passada, algo que arriscamos em dizer que é desconhecido no movimento espírita brasileiro, pois,

infelizmente, está mais voltado para estudos de superfície.

Em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, vamos perceber que a posição dos Espíritos superiores, com a qual Allan Kardec concorda, era a de que, na verdade, não havia possessão, ou seja, um desencarnado jamais tomaria posse do corpo físico do encarnado. (58)

Dois fatos se apresentaram que levaram o Codificador a mudar seu pensamento e conseqüentemente o que os Espíritos lhe haviam revelado. São eles:

1º) Os possessos de Morzine;

2º) O caso da Srta. Julie.

O primeiro a partir do início do ano de 1862, o segundo, pelo final de 1863.

Portando, como está demonstrado, Allan Kardec se prendia “aos fatos” e é o que nós os espíritas da atualidade deveríamos fazer, mas preferimos nos apoiar em opiniões de confrades, que, infelizmente, agem por dogmatismo.

Em nossa opinião o pesquisador italiano Ernesto Bozzano, professor de **filosofia da ciência** na Universidade de Turim ⁽⁵⁹⁾, na obra *A Crise da Morte*, como se verá, quando citarmos vários casos registrados nela, cumpriu isso à risca.

Em nosso artigo “*Mudanças de posição após publicação da 1ª edição de O Livro dos Espíritos*”, já mencionado, também foi citada essa questão da possessão.

Não podemos deixar de de recomendar aos interessados a nossa pesquisa publicada no ebook ***Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados***, disponível gratuitamente em nosso site ⁽⁶⁰⁾.



Desse ebook, traremos para essa nossa pesquisa apenas o seguinte quadro no qual resumimos a evolução do conceito:

Codificação Espírita

Evolução do conceito sobre a posse física do encarnado

1ª fase: os espíritos a negaram

Obsessão

1) abr/1857: LE, 1ª ed., q. 199

Subjugação

2) mar/1860: LE, 2ª ed., q. 473 e 474

Fascinação

3) jan/1861: LM, cap. XXIII, item 241

Allan Kardec

a) jun/1858: IPME, Vocabulário

b) set/1862: OQéoE: (3ª ed.), item 43 (= item 73 da 6ª ed. de jul/1865)

2ª fase: os fatos a comprovaram

Possessão

4) nov-dez/1862: RE (Morzine)

5) dez/1863-jan/1864: RE (Srta. Julie)

ESE, cap. X, item 6

6) abr/1864: ESE, cap. XXVIII, item 81
RE
RLFE

7) fev/1865: RE (Morzine e Tananarive)

8) jun/1865: OQéoE, item 30

9) ago/1867: RE (Dr. Claudius)

10) out/1867: RE (Os adeuses)

3ª fase: registro da nova posição

11) jan/1868: GN, cap. XIV, itens 47 a 49

4ª fase: aplicação

12) fev/1869: RE (Médium Sr. Morin)

Paulo Neto

Destaques do movimento espírita opinam

Vejam, por oportuno, em **O Mistério do Bem e do Mal** (1989), especificamente no capítulo 26, o que o jornalista José Herculano Pires vem esclarecer-nos:

Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do espaço

Regiões em que os espíritos continuam apegados às formas da vida material – “Ação e Reação”, de André Luiz, uma contribuição dos espíritos para as comemorações do centenário.

O primeiro centenário do Espiritismo teve, também as suas comemorações no outro lado da vida. Não foi apenas em nosso plano material, neste reverso da vida em que nos arrastamos, apegados à densidade da matéria grosseira, que o grande acontecimento despertou entusiasmos. Embora o advento do Espiritismo nos pareça um fato específico do nosso mundo, pois a doutrina veio para orientar os homens encarnados, a verdade é que esse fato se refere também aos planos espirituais. E o que é mais importante: esse fato tem tanta significação para nós, quanto para os Espíritos.

Todos os que militam no movimento espírita sabem que os Espíritos participam ativamente dos trabalhos doutrinários. Nada mais natural, portanto, do que a sua intensiva participação nas comemorações do centenário. Uma prova concreta dessa participação acaba de ser dada pela publicação de mais um livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, livro que traz no prefácio de Emmanuel, as seguintes frases: “Um século de trabalho, de renovação e de luz. Para contribuir nas homenagens ao memorável acontecimento, grafou, André Luiz, as páginas deste livro”.

Como se vê, **“Ação e Reação”**, novo livro de André Luiz, que a Federação Espírita Brasileira acaba de publicar, é uma contribuição espiritual para as comemorações do centenário. E que excelente contribuição! O título é suficiente para indicar o conteúdo. André Luiz faz uma ampla exposição do problema de ação e reação, através de exemplos colhidos diretamente nas zonas sombrias em que vivem os espíritos sofredores.

Os livros de André Luiz, que já constituem volumosa coleção, valem por um verdadeiro trabalho de ilustração dos princípios espíritas, por meio de relatos de episódios vividos nos planos espirituais. **Em *Nosso Lar*, primeiro volume da série, temos a descrição pormenorizada de uma cidade espiritual**, destinada à preparação das criaturas para a espiritualidade superior. **Em *Os Mensageiros*, a descrição dantesca das zonas de sofrimento, regiões purgatoriais ou infernais** – como queiram –, em que se arrastam as almas dos que

não souberam compreender as oportunidades da encarnação terrena. Mensageiros são os Espíritos superiores, que descem às zonas sombrias ou à própria face da terra para trazerem socorro às criaturas entregues ao desespero, à angústia, ao remorso e a todas as formas de sofrimento espiritual.

Em “Ação e Reação” os fatos se passam, também, numa zona espiritual densamente carregada de influências materiais. Em meio a uma região aparentemente abandonada, em que as “almas brutas e bravas”, a que se refere Dante, rugem, choram, esbravejam e gemem, perdidas nas sombras e resgatadas pela ventania de suas próprias iniquidades, ergue-se um conjunto arquitetônico que oferece asilo, conforto e cura aos que se puseram em condições de ser socorridos, ou seja, aos Espíritos que começaram a se arrepender de seus erros.

“O estabelecimento – diz André Luiz – situado nas regiões inferiores, era bem uma espécie de Mosteiro São Bernardo, em zona castigada por natureza hostil, com a diferença de que a neve, quase constante em torno do célebre convento encravado nos desfiladeiros, entre a Suíça e a Itália, era ali substituída pela sombra espessa, que, naquela hora, se adensava ao redor da instituição, como se tocada por ventania incessante.”

Para os que não conhecem os princípios da Doutrina Espírita e não estão familiarizados com descrições das zonas espirituais mais próximas da crosta terrestre, tudo isso pode parecer ilusório, imaginário, pouco provável. **Mas os que sabem**

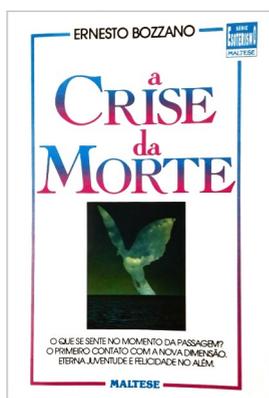
que os Espíritos não são mais do que homens desencarnados e que, como os homens terrenos, vivem a sua vida, executam os seus trabalhos e realizam as suas construções, compreendem bem as descrições de André Luiz.

Há quem não admita a existência de coisas tão concretas no plano espiritual. André Luiz se refere, porém, às zonas inferiores, aquelas em que os Espíritos, ainda demasiado apegados às formas da vida material, não conseguiram “libertar-se em espírito”. **É edificante ver, em “Ação e Reação”, como os Espíritos Superiores trabalham nessas regiões, prestando sua assistência caridosa aos irmãos que se transviaram nas sendas egoístas da vida terrena.** ⁽⁶¹⁾

O que vemos aqui é que Herculano Pires, destacado estudioso da Doutrina dos Espíritos, sancionando informações a respeito das colônias espirituais e do umbral, contidas nas obras da coleção André Luiz, por achá-las lógicas, deixando em aberto a questão dos detalhes particulares ditos pelo autor.

Em várias outras obras também encontraremos algo, conforme registramos no artigo ***Herculano Pires e as obras de André Luiz*** ⁽⁶²⁾.

Especificamente em relação ao umbral, sugerimos a todos os interessados a leitura do resultado de nossa pesquisa publicada no ebook **Umbral: há base doutrinária para sustentá-lo?** (63).



Outro estudioso, embora seja um ilustre desconhecido entre os espíritas, que não podemos deixar de citar é o italiano Ernesto Bozzano. De **A Crise da Morte** (1930), transcrevemos trechos de alguns casos e também de comentários do autor, para que você, caro leitor, possa mensurar a real importância de sua pesquisa.

1) Caso III [Jim Nolan]:

P. – Conte para nós as suas primeiras impressões no mundo espiritual.

R. – Eu estava para dizer que os meus bons amigos soldados não mais me deixaram desde o momento em que desencarnei até quando fiz a

minha entrada no mundo espiritual, no qual eu tinha avós, irmãos e irmãs, que, porém, não vieram ao meu encontro para me acolher quando morri. **Quando entrei em ambiente espiritual, parecia-me estar passeando em terreno sólido**, e vi uma velha vir ao meu encontro. Ela me dirigiu a palavra: 'Jim, então você veio até nós?' Olhei para ela atentamente, e exclamei: 'Oh! Vovó, é você?' 'Eu mesma, querido Jim. Venha comigo. **E me conduziu para longe, à sua morada. Ali chegando, disse-me que eu tinha de descansar e dormir.** Deitei, e adormeci por longo tempo...

P. – **A morada de que fala tinha a aparência de uma casa?**

R. – **Mas claro... No mundo dos espíritos existe a força do pensamento, com a qual é possível criar todas as comodidades que se deseja.'** ⁽⁶⁴⁾

Comenta Ernesto Bozzano:

Esta última informação, que no caso em análise remonta a oitenta anos, não é apenas um dos detalhes fundamentais em que todos os espíritos são unânimes em afirmar, como também a chave com que se explicam, se resolvem, se justificam todas as informações e as descrições, aparentemente absurdas, incríveis, ridículas, fornecidas pelos espíritos que se comunicam falando a respeito da sua estada espiritual. Em outros trabalhos que

elaborei a esse respeito, já tive oportunidade de me deter longamente acerca desse tema de extrema importância; por isso, vou me limitar, desta vez, a falar sobre ele apenas o estritamente necessário.

Lembrarei que **essa grande verdade** que nos foi revelada pelos espíritos comunicantes **pode resolver um acúmulo enorme de perplexidades teóricas, determinadas pelas informações fornecidas por estes acerca do mundo espiritual, das formas que revestem os espíritos e das modalidades da sua existência (todas as formas de existência terrena). Essa grande verdade, capaz de espiritualizada, do plano terreno, da humanidade terrena, das formas de existência terrena).** Essa grande verdade, capaz de resolver todos os enigmas teóricos em questão, e que se baseia na potência criadora do pensamento em ambiente espiritual, é confirmada de maneira impressionante, com base nos fatos, em ambiente terreno, e isso em consequência da circunstância de que **o pensamento e a vontade, mesmo na existência encarnada, mostram-se capazes de criar e dar formas concretas às coisas pensadas e desejadas, assim como nos é informado o que acontece em ambiente espiritual,** ainda que na Terra o fenômeno realize-se exclusivamente no caso de sensitivos especiais. Refiro-me com isso aos fenômenos maravilhosos da “fotografia do pensamento” e da “ideoplastia”, aos quais dediquei em 1926-1927 uma longa monografia, onde são demonstradas, com fatos, a sua realidade incontestável e a sua portentosa eficiência. [...]. (65)

E, um pouco mais à frente, explica:

Observo ainda que a outra circunstância das entidades encarnadas que afirmam que **tais condições de vida espiritual são transitórias e dizem respeito apenas à Esfera mais próxima do mundo terreno, isto é, àquela destinada a receber os espíritos recém-chegados**, não vale apenas para justificar plenamente tais condições da existência, mas **demonstra principalmente a sua providencial razão de ser**. Em outras palavras: **considere-se que desolação e desorientamento sentiriam os espíritos, em sua grande maioria, caso assim que ocorresse a crise do transpasse se vissem bruscamente despojados da forma humana e se encontrassem em um plano espiritual radicalmente diferente do lugar onde se plasmou a sua individualidade**, e ao qual estavam ligados por uma delicadíssima trama de sentimentos afetos, paixões, aspirações – a ponto de esta trama não poder ser rompida de repente sem levá-los ao desespero, e onde sobretudo se encontrava o ambiente familiar de cada um deles, constituído por uma soma fantástica de pequenas e grandes satisfações, temporais e espirituais, que concorriam cumulativamente para criar aquilo que se chama “alegria de viver”. **Caso se reflita sobre tudo isso, será preciso reconhecer que parece racional e providencial que, entre a existência encarnada e a de “puros espíritos”, venha a se interpor um ciclo de existência preparatória, que serve para conciliar a natureza por demais**

terrena do espírito desencarnado com a natureza por demais transcendental da existência espiritual propriamente dita. **Para isso proveria maravilhosamente a potência criadora do pensamento**, que permitiria ao espírito, julgando-se ainda em forma humana, reencontrar-se desta mesma forma; e acreditando estar vestido, ver-se coberto de roupas que, apesar de *etéreas*, pareceriam materiais para o desencarnado, como as vestimentas terrenas. **No mundo espiritual ele reencontraria também um ambiente e uma casa correspondentes aos próprios hábitos da Terra – morada preparada para ele pelos familiares que o precederam na existência espiritual.** Como se viu, no caso exposto acima, a avó do desencarnado teria assumido a tarefa de guiar o neto até a morada destinada a acolhê-lo. A esse respeito deve-se observar que, quando o espírito comunicante conta ter visto *uma velha* vir ao seu encontro, deve-se entender que *a velha avó* havia readquirido *temporariamente* a antiga forma terrena para ser reconhecida. ⁽⁶⁶⁾ (itálico do original)

É mais um renomado pesquisador que entendeu estar absolutamente dentro da lógica a existência de construções no mundo espiritual, que são destinadas ao amparo dos Espíritos recém-desencarnados. Ademais, Ernesto Bozzano deixa bem claro que essas situações são transitórias e não

definitivas como poder-se-ia alguém supor.

2) Caso VI [Amicus]:

“A esta altura, é aconselhável eu mencionar a natureza da substância usada para as construções ou para as criações no plano espiritual, bem como os métodos empregados, e o modo pelo qual são utilizados. O nosso é o mundo do pensamento, e todas as coisas podem nele ser vistas. Elas são a ele tangíveis, utilizáveis: são criações do pensamento. O nosso corpo espiritual é uma criação substancial do pensamento, e a partir do nosso próprio corpo, sem detrimento nenhum para a nossa individualidade, nós exteriorizamos aquilo que se exige para exercitar a nossa atividade objetiva. À nossa volta assumem forma as criações do nosso pensamento, as quais se fundem e se harmonizam com as criações do pensamento dos outros. Algumas dessas criações são exteriorizações inconscientes do pensamento espiritual, enquanto outras, ao contrário, nascem da força criadora do pensamento dirigida pela vontade, com objetivos determinados. Nós somos seres constituídos de pensamento, existentes em um mundo criado pelo pensamento, e tudo o que desejamos, bem como tudo o que operamos, o fazemos pelo dinamismo do pensamento. Naturalmente para quem está vivendo na esfera terrena – tão radicalmente diferente da nossa – compreender isso ou mesmo simplesmente acreditar nessas

nossas revelações é uma tarefa árdua. No entanto, garanto a você que os processos funcionais implícitos naquilo que lhe descrevi são muito simples, muito naturais e estupendamente eficazes... Esses ensinamentos espirituais, que somente agora começam a ser ministrados aos viventes, resultam em uma das 'muitas coisas' a respeito das quais Jesus Cristo afirmou: que 'a Sua geração e os Seus tempos não estavam maduros para recebê-las'..." (67)

Ernesto Bozzano ressalta várias coisas dessa mensagem:

A respeito da interessante mensagem relatada, e para confirmar a tese essencial e mais divulgada, é oportuno insistir de que **na própria mensagem se observam as habituais concordâncias a respeito de um bom número de *detalhes fundamentais* que dizem respeito às formas da existência espiritual.** São elas: a informação que diz respeito aos espíritos dos mortos que, salvo raras exceções, são acolhidos e confortados pelos familiares e amigos que os precederam na esfera espiritual; a informa espírito comunicante que conta ter passado pela prova da “visão panorâmica” com a projeção de todos os acontecimentos vida; a informação sobre os espíritos recém-chegados que dão conta da sua morte; **a informação acerca do pensamento em ambiente espiritual, que é força capaz de criar, organiza e plasticizar;** e, por fim, a informação sobre a “lei de afinidade”, reguladora

inexorável dos destinos humanos, sem que haja necessidade de um Juiz Supremo que condene ou absolva cada espírito desencarnado individualmente. ⁽⁶⁸⁾ (itálico do original)

3) Caso VII [Hattie Jordan]:

“Querida Florence [irmã de Hattie],

[...].

[...] Entretanto, não demorei a me dar conta de que eu estava em condições de cansaço profundo; e eis que **vem a meu encontro a mamãe, com outros espíritos**, entre os quais um que me disse ser o meu espírito-guia. **Mamãe me conduziu a um lugar onde eu tinha de parar, descansar, dormir a fim de me revigorar pela absorção de energia espiritual.** [...]. ⁽⁶⁹⁾

Na Conclusão apresentaremos algo importante dos comentários de Ernesto Bozzano sobre essa carta-mensagem de Hattie Jordan à irmã Florence.

4) Caso IX [irmão da médium Mrs. Hope Hunter]:

“Nem mesmo saberia lhe dizer se, enquanto estive ali, fui para algum outro lugar. Encontrava-me em estado de confusão mental, e tudo o que

me rodeava parecia-me ao mesmo tempo muito claro e muito incerto. **Papai estava constantemente a meu lado**, confortando-me e dizendo-me que eu não demoraria em readquirir todo o meu equilíbrio mental. **Depois levou-me até a sua casa, onde agora vivemos juntos**, à espera da chegada de mamãe...

“Dias atrás papai me disse: 'Você quer ir ver a sua avó! Ainda não a tinha encontrado no mundo espiritual, e **ela, ao que parece, estava em um lugar bastante longe do nosso**, Papai me falou: 'Formule intensamente, junto comigo, o desejo de se encontrar com ela!' Fizemos isso simultaneamente e partimos como raios através do espaço. Em menos de um segundo estávamos ao lado da vovó. [...].” (70)

O irmão da médium Mrs. Hope Hunter fala da habitação de seu pai, onde também foi morar, eis o detalhe desse caso. Além disso, disse ainda que teria ido visitar a avó que morava “numa localidade muito afastada”.

5) Caso X [um jovem soldado]:

O primeiro sentimento que se percebe, logo ao despertar com plena consciência sobre aquilo que somos e de onde nos encontramos – ou seja, que somos espíritos sobreviventes à morte do corpo e que nos encontramos em um outro plano de

existência –, é o sentimento de **uma enorme curiosidade, combinada com um grande desejo de explorar o novo ambiente, e conhecer mais.** Antes de qualquer coisa, nos **damos conta de que à nossa volta existem “coisas”**, e esta é a primeira observação que nos deixa cheios de estupor; **sobretudo porque estas “coisas” surgem com a mesma natureza daquelas que nós conhecemos na Terra**, apesar de parecerem também diferentes, mas de uma maneira que não conseguimos compreender muito bem.

Elas são reais, muito reais: vemos muito bem isso, todavia **temos a intuição de que elas são apenas temporárias**, e que pertencem unicamente ao estado espiritual sucessivo ao despertar. Depois disso, **não demoramos a descobrir** e isso se mostra muito curioso e interessante **que podemos transformar certas coisas que percebemos à nossa volta simplesmente desejando que se transformem.** Todavia, podemos fazer isso unicamente em relação a objetos que não tenham importância. Assim, por exemplo, se eu percebo aos meus pés uma agulha de pinheiro e começo a desejar que ela se transforme em uma agulha de aço, ei-la transmutada em uma agulha real de costura, que posso pegar e observar. De qualquer maneira, nós não podemos transformar os objetos volumosos, e muito menos o ambiente em que vivemos. E não podemos fazê-lo porque **a paisagem à nossa volta não é apenas o nosso 'cenário', mas é o 'cenário' de todos os espíritos.** Nós podemos apenas transformar qualquer pequena coisa, a partir do momento em que fazer isso não provoque

aborrecimento ou prejuízo aos outros. Depois de repetidas experiências dessa natureza, **começa-se a compreender a verdade, ou seja, que o ambiente em que vivemos é na verdade constituído apenas de 'formas do pensamento' ou de 'projeções da memória' e que tudo isso está predisposto com o objetivo de tornar mais fácil para os espíritos recém-chegados o período de transição da vida terrena para a existência espiritual propriamente dita.**

“E aprendemos muito a respeito, procurando à nossa volta tudo o que podemos transformar com um ato de vontade, e tudo o que permanece inalterado apesar dos esforços do nosso querer.”
(⁷¹)

Dos comentários de Ernesto Bozzano, destacamos este parágrafo:

No caso em questão mostra-se por demais eficaz e instrutiva a descrição do espírito comunicante a respeito das maneiras pelas quais **os espíritos recém-chegados conseguem gradativamente descobrir que o ambiente em que se encontram é constituído por “formas de pensamento” e por “projeções do pensamento”**, e que tudo isso está predisposto tendo como objetivo tornar mais fácil para os espíritos recém-chegados o período de transição da existência terrena para a espiritual. (⁷²)

A condição da temporalidade das construções é algo que surgiu naturalmente na mensagem.

6) Caso XI [arcebispo Wilberforce]:

(Wilberforce', através de 'Rector') “Quando meu espírito teve consciência de estar em ambiente de vida eterna, eu me vi envolvido por radiosas criaturas angelicais, as quais vinham me anunciar o quão misericordiosa estava sendo a clemência de Deus para comigo. Fui arrancado à vida de uma forma rude e súbita com a consequência que eu não tinha me dado conta de estar no mundo espiritual até o momento em que vi o meu pai vir a meu encontro; ele me explicou que embora eu estivesse mais vivo do que nunca, **encontrava-me naquela seção do mundo espiritual em que são hospedados os espíritos radiosos**. Então juntou-se a ele minha mãe; depois veio ao meu encontro o puríssimo espírito de Keble, rodeado por um grupo glorioso de outras almas filantrópicas, que por lei de afinidade se amontoavam em volta dele, um ser que na Terra tinha sido o príncipe do amor universal. **Foram eles que me conduziram até a morada dos 'guias'**, pelos quais fiquei sabendo que a primeira tarefa que eu tinha de me preparar para cumprir era a de deixar de lado muitas das doutrinas que na Terra julgara de importância vital! Oh! Com que facilidade **os espíritos iluminados deixam de lado as opiniões terrenas**, ainda que tenaz e apaixonadamente professadas durante toda a vida!

“Foram os meus 'guias' que me exortaram a me manifestar a você. Eles receberam tal ordem do espírito elevadíssimo que preside às suas sessões ('Imperator'). Eu concordei com alegria, e agora estou mais feliz do que nunca por entrar mais uma vez em contato com o plano terreno, onde tantos queridos amigos meus ainda vivem, embora eu, infelizmente, jamais tenha tido oportunidade de entrar em contato com eles, que nada sabem sobre essa grande verdade ou a hostilizam. Muito tempo há de passar antes que aprendam algo a respeito.

“A partir do momento em que abandonei o mundo dos vivos, dediquei-me intensamente a aprender aquilo que devia constituir a minha tarefa espiritual nesta existência de constante progresso, de elevação sublimada à qual estou destinado. A essa altura, com a ajuda dos meus 'guias', **eu já passei pela primeira Esfera espiritual em que moram aqueles que continuam vinculados pelo amor aos vivos, assim como todos aqueles que ainda não estão preparados para se elevar espiritualmente além da primeira Esfera celeste.** Ali encontrei muitas almas que eu conheci em vida, e através delas tomei conhecimento de muitas noções que eu precisava urgentemente conhecer. Por algum tempo, a minha tarefa será análoga, ou seja, **terei de me esforçar por instruir os recém-chegados até eu amadurecer e poder alcançar, então, a Esfera espiritual que a mim está destinada.** Assim, manifestei-me a você com o objetivo de instruí-lo com esta mensagem de conforto e de consolo. Mantenha o espírito bem-disposto, meu amigo: o futuro que nos espera é radioso!

(Moses) “Quantas perguntas eu precisaria dirigir a você! **As Esferas espirituais são então semelhantes ao nosso mundo?”**

“São, sob todos os aspectos. Entretanto, a diferença é bastante grande, uma vez que se determina uma mudança radical nas condições de existência. **A paisagem é absolutamente idêntica, mas sublimada. Nós também temos flores, campos e árvores, animais e pássaros; só que as condições ambientais não são mais físicas,** com a consequência que nós não temos necessidade de nos alimentar, e muito menos de matar para viver. A matéria, da forma como vocês a pensam, não mais existe para nós; quanto aos meios de subsistência nós os assimilamos com o ar que respiramos. Os nossos movimentos livres não são mais dificultados pela matéria, como acontece no mundo de vocês. Nós nos transportamos para toda parte com um ato de vontade. Como acontece com as crianças no plano terreno, comigo também ocorre aprender todos os dias novos conhecimentos preciosos, e com isso vou me adaptando cada vez melhor à existência é então real para você?”

“O ambiente que os rodeia é então real para vocês?”

“Real, realíssimo, e mesmo soberbamente lindo.” (73)

A ideia da existência de várias esferas, possivelmente, tratam-se de níveis vibracionais

diferentes, fica evidente em “naquela seção do mundo espiritual em que são hospedados os espíritos radiosos” e “já passei pela primeira Esfera espiritual em que moram aqueles que continuam vinculados pelo amor aos vivos”, com a particularidade de serem “semelhantes ao nosso mundo, sob todos os aspectos”, com “paisagem absolutamente idêntica, mas sublimada”.

7) Caso XII [capitão Hincliffe]:

"O que fazemos? Quais são as nossas ocupações? Ei-las: nós nos exercitamos em benefício de todos da forma que mais se harmoniza com as nossas tendências ou vocações. Nesta **primeira Esfera espiritual** em que me encontro já **existem maravilhosos sistemas de educação, instituições e laboratórios científicos, espiritualmente entendidos**, que compreendem em si todas as condições pelas quais o homem adquire a prática do trabalho no mundo dos vivos. Posso imaginar que a esta altura algum amigo meu comerciante vai dizer: A minha experiência de trabalho é ser banqueiro, e no mundo espiritual com certeza não existe dinheiro. Não, certamente, porque o dinheiro é uma convenção inerente exclusivamente à existência terrena, enquanto aqui **as nossas aspirações materiais são satisfeitas com a potência do pensamento: basta pensar para criá-las...** Eu

trabalho mentalmente, e em certo sentido fisicamente também, uma vez que **produzo etereamente as coisas que desejo**. Todos sentimos a necessidade suprema de agir, de nos ocupar, de trabalhar; e eu me abandono a orgias de trabalho, pois em ambiente espiritual nos sentimos verdadeiramente livres, sempre prontos para a ação e decididos a criar. **As minhas energias não são mais dificultadas ou reprimidas pelas penas corporais, pelas crises de cansaço ou por esgotamentos nervosos, o que não pode ser evitado no mundo dos vivos...** Quando se sai do mundo de vocês abandona-se o ambiente de Vida mais rudimentar pelo qual o espírito deve passar, quando pela primeira vez se torna consciente de si como individualidade pensante. Note, entretanto, que nós todos vivemos outras vezes como espíritos encarnados. Tenho certeza do que estou afirmando. ⁽⁷⁴⁾

Aqui também é feita referência a primeira esfera espiritual, afirmando que nela “existem maravilhosos sistemas de educação, instituições e laboratórios científicos, espiritualmente entendidos”. Portanto, são construções no plano espiritual.

8) Caso XIV [uma conhecida personagem americana]:

“Logo que cheguei ao mundo espiritual, senti de imediato a sensação de estar em minha casa. Tinham vindo me receber parentes, amigos e conhecidos, e todos faziam questão de me cumprimentar por eu ter chegado afinal. **Era, portanto, natural que me transmitissem a impressão de que eu estava realmente em minha própria casa.** Para me adaptar ao novo ambiente, precisei de um período de tempo menor do que eu teria necessitado na Terra para me adaptar a uma mudança de casa...

“É muito fácil conseguir aqui as coisas que se deseja: basta pensar nelas e elas são criadas. Assim, é fácil compreender que ninguém pode desobedecer ao mandamento de Deus: 'Não desejar as coisas do próximo'. **Aqui nada se compra com dinheiro e nada pode existir que tenha valor para outros a não ser para aquele que a criou para a sua necessidade, para o seu uso pessoal.** E todos podem conseguir o que o vizinho possui, se assim o desejarem. Bem entendido que com isso **refiro-me exclusivamente aos objetos materiais de todos os tipos. Digo 'materiais' para ser claro, uma vez que tal expressão não se adapta às criações etéreas.**”
(75)

Como fazer se sentir em casa sem apresentar um ambiente físico familiar? Ademais, se “nada aqui se compra com dinheiro” é que existem coisas nesse plano, justamente as que foram criadas por eles.

9) Caso XV [um jovem amigo da médium Margaret Vivian]:

(Espírito) “Farei o melhor que puder para contar a você as minhas próprias impressões a respeito, para que possa compará-las com aquelas de quem está me falando, e que eu fiquei conhecendo através da sua mentalização. As minhas impressões foram consideravelmente diferentes, pois eu fui morto quase instantaneamente.

“Num primeiro momento eu via a mim mesmo, ou melhor, sentia-me fora do corpo físico, mas sem corpo espiritual perceptível, que, porém, à medida que o processo de separação progredia, foi se condensando, assumindo uma forma visível e definida. **Uma espécie de cordão fluídico que saía da cabeça mantinha-me vinculado ao corpo físico, e eu fazia grandes esforços para me livrar dele.** Quando afinal o consegui, encontrei-me como que suspenso no ar sobre o campo de batalha, de onde via, ansioso, as fases dramáticas da luta. Entretanto, **caí rapidamente em condições de inconsciência e, ao despertar, encontrei-me em uma espécie de corredor de hospital, onde enfermeiros me explicaram que eu tinha morrido em combate, e que estava no mundo espiritual.** Depois disso, permaneci por mais um longo tempo em estado de torpor, e me foi dito que aquilo era necessário para me libertar da força de atração que o ambiente terreno exercia sobre mim, atração que era consequência inevitável da morte violenta por mim sofrida. E, de

fato, toda vez que eu despertava daquele estado de torpor, sentia me cada vez melhor harmonizado com o novo ambiente e a nova vida.

“Foi para mim **uma grande surpresa quando me dei conta de que eu podia me dirigir para onde quer que desejasse em breves instantes, e que bastava eu querer ir para um determinado lugar para ali chegar como que por encanto.** Tal maravilhosa capacidade de transporte espiritual torna os meios de locomoção de vocês comparáveis aos dos caracóis. Naturalmente as minhas primeiras visitas foram para a frente de batalha, pois estava ansioso por saber como os meus companheiros estavam se saindo. No começo não me foi fácil ver o que acontecia na Terra, pois da mesma forma que vocês não podem ver o nosso mundo, assim é para nós impossível penetrar com o olhar a camada espessa e escura que envolve o mundo de vocês. Nesse meio tempo, **veio me assistir um espírito com bastante experiência, e então consegui sintonizar as vibrações do meu corpo etéreo com as do plano terreno.** Feito isso, foi-me possível assistir do alto ao drama assustador da guerra e em consequência disso fiquei tão desconcertado e desgostoso que durante longo tempo não mais retornei à Terra...

“De resto, eu não tinha na Terra vínculos afetivos, ou de qualquer outra natureza, fortes o suficiente para me induzirem a retornar, enquanto estava ansioso para aprender as primeiras noções a respeito da vida espiritual, uma vez que a isso me impelia **o fato de eu haver encontrado**

numerosos amigos que tinham se oferecido para me dar as instruções necessárias.

“Eu tinha vivido totalmente absorto nos fatos da vida prática e **nada sabia sobre a existência espiritual. Se alguma vez pensei a respeito do mistério do além, isso acontecera de um ponto de vista puramente agnóstico:** ou seja, concluíra que ninguém tinha condições de falar do assunto com conhecimento de causa. Assim passou-se algum tempo antes que eu chegasse a me harmonizar com o novo ambiente, no qual me sentia desorientado e perdido, apesar de contar com a companhia de amigos que, como eu, haviam sido atirados bruscamente no mundo espiritual por causa da guerra, e com os quais falava longamente sobre o novo estado em que nos encontrávamos, para surpresa de todos.’

(Doutora Vivian) “Por que razão? Você, então, não contava com um guia espiritual?”

(Espírito) “Sim, **todos têm um 'guia' que os ajuda a familiarizar-se com o ambiente espiritual,** mas nas condições em que eu estava era como pretender que um homem voasse. Para aprender, é preciso tempo e paciência. De qualquer forma, não demorei muito a me ajustar às novas condições de existência, que achava supremamente interessantes. **Eu possuía uma casa minha, que mamãe havia preparado para mim. Não era grande, mas tinha um jardim lindo à sua volta, e nele cresciam flores e frutos de uma natureza que eu desconhecia.** A esta altura eu já havia melhorado e deixei mais bonitos o jardim e a casa.

“Compreende-se agora que todas as coisas existentes no plano espiritual são sólidas, solidíssimas para quem nelas habita, levando-se em consideração que nós não somos constituídos pela mesma substância que tínhamos na Terra. Em contrapartida, o mundo de vocês surge a nossos olhos como o país das sombras destituídas de consistência. (76)

Um pouco mais à frente, conclui Ernesto Bozzano:

Estando assim as coisas, vou me limitar a concluir transcrevendo a esse respeito a opinião do professor Hyslop, que observa com perspicácia como tal indiferença demonstra que, **para se assimilar e avaliar a importância desse ramo do conhecimento não basta ser-se inteligente e culto, ou mesmo muito culto: é preciso, antes de mais nada, que se seja maduro para assimilar e avaliar o seu conteúdo.** Há mentalidades cultas e incultas que se mostram literalmente despreparadas e refratárias sobre o assunto. Isso se verifica principalmente entre as pessoas cultas, e por causa de preconceitos enraizados, científicos ou religiosos que tornam as cabeças deles literalmente fechadas para acolher conclusões contrastantes com aquelas profundamente arraigadas em seus cérebros. (77)

Destacamos “Compreende-se agora que todas

as coisas existentes no plano espiritual são sólidas, solidíssimas para quem nelas habita” e aí arrematamos com Bozzano “não basta ser-se inteligente e culto, ou mesmo muito culto: é preciso, antes de mais nada, que se seja maduro para assimilar e avaliar o seu conteúdo.”

10) Caso XVII [Miss Felicia Scatcherd]:

“Fui logo levada pelos espíritos que vieram me receber: eles me explicaram que tinham construído o seu pequeno mundo maravilhoso extraíndo-o daquela névoa perolada que eu percebia condensando as suas 'vibrações', infinitamente sutis, com a potência do pensamento. Eles projetavam as formas do pensamento naquele meio, e elas se revestem de substância espiritual; com isso chegam gradativamente a criar o seu próprio ambiente. Eu, claro, ainda não estava em condições de projetar as formas do meu pensamento nesse mundo exclusivamente mental; assim, os espíritos me levaram para a maravilhosa morada que eles tinham criado para mim. Mais tarde aprenderei a construir eu mesma o meu pequeno mundo pessoal...

“Quanto ao ambiente em geral somos sempre nós mesmos que concorremos coletivamente para criá-lo, e cada um contribui com a sua pequena parcela. Naturalmente há uma

divisão de tarefas, depois que todos chegaram a um acordo sobre o conjunto a ser criado. **Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações**, pois isso é uma tarefa reservada àqueles que manifestam disposições naturais para esse tipo de encargo. **A paisagem que me rodeia surge completa em si mesma e maravilhosa; entretanto, nada mais é do que a nossa paisagem. Explicam-me que de fato existem além dela outras bem diferentes, uma vez que há muitas almas pouco desenvolvidas que não podem apreciar nada que se afaste do ambiente terreno.**

“Você não pode imaginar o quanto é eletrizante o sentimento de criar dessa maneira. A intensidade passional com que todos mergulham nisso não pode ser transmitida em palavras...”

“Foi-me relatada a existência de outras Esferas muito superiores à nossa, e às quais desejo e espero chegar um dia, por mais que este dia ainda esteja longe para mim. Os espíritos eleitos que ali se encontram executam com o poder da vontade coisas que vocês julgarão impossíveis, mas isso não impede que sejam verdadeiras. Destas Esferas se soltam as 'centelhas de Vida', sob forma – vamos dizer – de um 'fluxo vital' que chega ao mundo de vocês e é absorvido pelo reino vegetal. Para se chegar a tal poder é preciso alcançar uma extrema perfeição espiritual; entretanto todos podemos atingi-la. É o que me dizem...” (78)

Ernesto Bozzano é categórico:

[...] a potencialidade criadora do pensamento, da forma que se revela na personalidade humana, é resultado da natureza evolutiva proeminente no plano espiritual, e aperfeiçoada além de toda capacidade de concepção humana. [...]. (79)

11) Caso XXI [uma dedicada mãe]:

“Um dos grandes atrativos desse plano consiste no fato de que, por mais que haja aspectos de sua configuração geral que são imutáveis, ao mesmo tempo há nele uma espécie de configuração particular *sobreposta* – se assim é lícito exprimir-se – a qual, ao contrário, é extremamente mutável. **Isso ocorre porque todos nós possuímos faculdades criadoras que exercitamos perpetuamente sobre o ambiente imediato em que existimos**; dessa maneira, cada mudança em nossa maneira de sentir e de pensar traz uma mudança correspondente no ambiente ao nosso redor. **Mesmo as nossas roupas são criações do nosso pensamento, formadas com elementos extraídos do ambiente em que existimos.** Eu ainda não compreendo exatamente o processo pelo qual se determina o milagre, mas o fato é que tais manifestações *exteriores* do nosso pensamento traduzem as disposições *inferiores* do nosso espírito. Disto resulta que, para os espíritos que existem há longo tempo nesse ambiente, as

roupas constituem um símbolo infalível que lhes revela o intrínseco valor moral do espírito que se reveste com elas.

“Ainda que a natureza deste mundo pareça muito diferente da do mundo terreno, mesmo assim **os dois mundos se assemelham, com a diferença de que o mundo espiritual mostra-se muito mais refinado, etéreo; é só...**” ⁽⁸⁰⁾ (itálico do original)

Destacamos este trecho dos comentários de Ernesto Bozzano:

[...] Deve-se por fim observar que ela informa que naquele mundo os espíritos conversam por transmissão de pensamento, que **aquele ambiente é uma cópia espiritualizada do plano terreno e que o pensamento e a vontade espirituais são forças criadoras**. Sobre este último nem é oportuno atentar para **um detalhe secundário que está perfeitamente de acordo com o que afirmam os demais espíritos comunicantes: que a configuração da paisagem “astral” é constituída por uma série de criações do pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas, colocadas no governo das Esferas espirituais inferiores. Nesse caso as criações são imutáveis**. Já as outras, ao contrário, são transitórias e extremamente mutáveis, enquanto resultado da concretização do pensamento e da vontade de

cada entidade desencarnada, ao projetar o ambiente desejado no momento. ⁽⁸¹⁾ (itálico do original)

12) Caso XXV [Rodolfo Valentino]:

“Tudo o que existe aqui parece constituído pelas diversas modalidades com as quais a força do pensamento se manifesta E **a substância criada pelo pensamento parece ser, na verdade, mais sólida e duradoura do que a pedra e os metais.** Talvez isso seja difícil de ser compreendido por vocês, e não parece conciliar-se com o conceito que alguns podem formar sobre as maneiras com que a força do pensamento deveria se manifestar. Eu, por exemplo, **cheguei a imaginar que se tratava de criações formadas de matérias vaporosas e, ao contrário, são mais sólidas,** revestidas de tintas mais vivas, **do que tudo o que é sólido e colorido no ambiente terreno... As casas são construídas por espíritos que se especializaram em modelar, com a força do pensamento, essa matéria espiritual.** E eles as constroem sempre como os outros espíritos as desejam, uma vez que retiram do inconsciente destes últimos os modelos mentais dos seus desejos.” ⁽⁸²⁾

Trecho dos comentários de Ernesto Bozzano:

A respeito do trecho exposto, observo que do ponto de vista científico **não deveria causar nenhuma surpresa a observação do espírito comunicante a respeito da aparência sólida – tanto o mais do que a da pedra – das construções psíquicas em ambiente espiritual**, considerando-se que é sabido, como a ciência tem demonstrado, que a solidez da matéria é pura aparência. Disso resulta que o atributo “solidez” é tão-somente uma questão de “relação” entre *sujeito* e *objeto*; ou seja, isso significa que para nós – seres constituídos da mesma matéria do ambiente em que vivemos – esse ambiente deve necessariamente parecer sólido, uma vez que existe uma perfeita relação entre *sujeito* e *objeto*. Analogamente, para um espírito revestido de um “corpo etéreo” deverá parecer da mesma forma sólido o ambiente etéreo em que está, e isso pela idêntica razão da existência de uma perfeita relação entre *sujeito* e *objeto*. Em contrapartida, ao mesmo espírito deverão parecer sombras evanescentes as pessoas vivas e o ambiente terreno, e isso na ausência de relações entre as condições em que ele existe e opera, e as condições em que existem e operam os seres vivos; sem contar que ele terá a confirmação daquilo que presume quando lhe acontecer passar através de um muro como se este não existisse.

Ressalto ainda que a última observação contida no trecho aqui considerado, e no qual se afirma que **as “habitações são construídas por espíritos os quais se especializaram em modelar com a força do pensamento a substância espiritual”, está em perfeito acordo**

com aquilo que uma outra personalidade mediúnica havia afirmado no Caso XVII. Esta última, falando de tais construções psíquicas, observa: “Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações, pois fazê-lo está reservado àqueles que manifestam disposição natural para essa tarefa especial.” Em se tratando de uma concordância relativa a um *detalhe secundário*, ela resulta teoricamente mais importante do que muitas outras relativas a *detalhes fundamentais*, visto que **a hipótese das “coincidências fortuitas” torna-se cada vez menos verossímil à medida que as concordâncias entre as descrições dos espíritos comunicantes se referem a detalhes cada vez mais minuciosos** ou de pouca importância. ⁽⁸³⁾ (itálico do original)

Ernesto Bozzano não tem nenhuma dificuldade em aceitar as construções no mundo espiritual, para ele parece ser algo óbvio.

13) Caso XXX [Celphra]:

“Enquanto a alma (a ser diferenciada de espírito) do recém-chegado está vinculada ao mundo dos vivos em uma graduação qualquer, **o espírito de recém-chegado não pode deixar de existir em uma condição quase terrena**, e isso pelo fato dele se encontrar em ambiente onde a realização do próprio ser se determina em virtude

de conjunto de concepções a respeito de si mesmo. **Acontece, então, que ele ainda tem necessidade de saborear alegrias quase terrenas, de encontrar-se em meio a familiares e amigos, de procurar suas ocupações favoritas**, tudo isso com uma transformação para melhor, correspondente às condições espirituais em que se encontra. Repito: **essa é a causa pela qual nas Esferas espirituais próximas de mundo dos vivos os espíritos existem em condições análogas às terrenas**. E tudo isso vale para explicar a vocês a razão pela qual tantos espíritos pouco circunspectos se comunicam mediunicamente para revelar aos seres vivos sedentos de coisas maravilhosas a sua existência em meio espiritual semelhante ao terreno...” (pág. 97). ⁽⁸⁴⁾

Das considerações de Ernesto Bozzano antes de relatar este caso, transcrevemos o seguinte trecho:

[...] acredito que provavelmente essa questão deva ter surgido com insistência para muitos leitores, os quais, **a respeito da análise comparada aplicada às revelações transcendentais**, devem ter se perguntado: muito bem, agora **sabemos, com base nos fatos, que os espíritos dos desencarnados entram em uma primeira fase de existência espiritual que significa uma reprodução espiritualizada do**

ambiente e da existência terrena; fase transitória, ainda que de longa duração, que teria a finalidade de predispor gradativamente os recém-chegados para a vida espiritual propriamente dita. **Tudo isso já aparece como uma soma importante de conhecimentos adquiridos a esse respeito; [...].** ⁽⁸⁵⁾

Se Ernesto Bozzano afirma que os recém-desencarnados “entram numa primeira fase de existência espiritual que constitui uma reprodução espiritualizada do meio e da existência terrestres”, então podemos dizer que ele não tinha nenhuma dificuldade de aceitar as construções do mundo espiritual, obviamente, calcado nos fatos que são apresentados em sua pesquisa.

Em “Conclusões”, tópico que encerra seu livro, Ernesto Bozzano, apresentando suas considerações finais, as inicia dizendo:

No vasto e importantíssimo ramo da metapsíquica em que se considera o tema das “revelações transcendentais”, tudo ainda está por ser feito, do ponto de vista da investigação científica do imenso material. **As prevenções contra o assunto – tanto de opositores como de espiritualistas – originadas por um**

conhecimento superficial sobre o tema, extremamente amplo, impediam que se fizesse um trabalho proveitoso nesse sentido, e a presente monografia é o primeiro ensaio analítico que demonstra o valor intrínseco, positivamente científico, deste ramo injustamente negligenciado da metapsíquica. ⁽⁸⁶⁾

Eis aí realçado um bom alerta aos espíritas que insistentemente e sem terem feito pesquisa em nível das que aqui apresentamos, preferem negar as construções no mundo espiritual.

A “cereja do bolo” dos comentários de Ernesto Bozzano sobre os trinta casos inseridos em *A Crise da Morte* deixaremos para a apresentar quando de nossa Conclusão.

Finalizando, citaremos também a obra ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*** (1931), de autoria de J. Artur Findlay (1883-1964), porquanto nela há coisas que somam às que vimos em Ernesto Bozzano:

Teremos, portanto, peso, forma, individualidade e a mesma mente que temos agora; porém, **e o que concerne ao ambiente ou meio?** Quanto a esse, podemos aceitar o que nos dizem as

comunicações vindas do mundo etéreo, como também podemos tirar algumas deduções lógicas, baseadas no nosso ambiente físico. Dissemos que **o mundo etéreo se assemelha a este, que se compõe de individualidades e outras coisas vivas**. Admitimos, tirando-a das nossas experiências físicas, a conclusão lógica de que todas as coisas vivas são animadas pela força de vida e, desde então, já não será despropositado concluir que **tal força, combinada com a mente, que tem o poder de atuar sobre a matéria física, produzindo o que experimentamos aqui no nosso mundo, também dispõe do mesmo poder para influenciar as outras formas viventes, no mundo do éter, semelhantes às que existem no mundo físico**. Não será, pois, igualmente, despropositado acreditar-se que o mundo etéreo contém árvores, animais e flores, e para todos os fins e efeitos que lhes são assinados neste nosso mundo, nem que, **quando realizamos a passagem chamada morte, nos vamos encontrar em um mundo muitíssimo semelhante ao em que hoje vivemos**, com a só diferença de lá não estarmos embaraçados pela matéria física e de serem, conseguintemente, mais ativos os nossos cérebros e mais céleres os nossos pensamentos e movimentos. ⁽⁸⁷⁾

[...] disseram-me [os Espíritos] que **o Universo todo é feito de matéria em vários graus de densidade e de atividade vibratória**; que ela enche por completo o espaço, em todo o qual há vida nos mais variados graus de desenvolvimento. [...] **Envolvendo a Terra**, interpenetrando-a, ligado

a ela e com ela a mover-se, **há outro mundo, de substância etérea, em estado mais alto de vibração**. Consequentemente, não o percebem os nossos sentidos. [...]. ⁽⁸⁸⁾

Nesse outro estado de consciência, os seres se encontram em ambientes mais ou menos idênticos aos que aqui nos achamos. **Crescem árvores e desabrocham flores**, não sujeitas, porém, à morte, conforme a entendemos na Terra. Os vegetais não deperecem; desmaterializam-se e desaparecem das vistas. **Os ambientes do mundo etéreo são, em grande parte, condicionados pelos pensamentos dos seus habitantes, de forma que, por exemplo, suas casas e modo de viver são, em larga escala, obra deles**. Isto, esclarecem-me, não quer dizer que o próximo plano da vida seja puramente efeito de projeções mentais, porquanto os que lá vivem experimentam sensações, quais as experimentamos. Podem perceber, tocar e cheirar as flores, apanhá-las e, por onde quer que andem, encontram amigos e com eles conversam. **Todos os que estão em um plano, disseram-me, podem ver e tocar as coisas que nesse plano existam**. Esta a resposta que invariavelmente recebi, sempre que tentei saber se o outro plano é objetivo ou subjetivo.

Há muitos planos; mas, em cada um deles, só os que ali se acham experimentam as mesmas sensações. Verifiquei por mim próprio que os Espíritos que me falavam a ninguém mais podiam ver, embora se achassem todos na mesma sala. [...] **Não é um mundo de sonho o deles; é**

um mundo de objetiva realidade, vivamente real. Todas as coisas, a música, a arte, os trabalhos construtivos se praticam num grau de elevação, que não nos é possível apreender.

Reina grande atividade. **Cada um tem o seu labor a executar.** Servir aos outros e amar são os padrões éticos que lá prevalecem, num grau muito mais elevado do que aqui. É universal a linguagem, de sorte que todos se entendem uns aos outros. **Em geral, vivem juntos os de cada nacionalidade terrena e falam a língua de que aqui usaram;** há, porém, uma linguagem comum a todos. Insistiam muito os meus informantes num ponto: em que, entre eles, **é rígida a disciplina,** obedecendo todos aos que exercem autoridade. Cada um se acha submetido a Espíritos mais elevados, cujas determinações e instruções têm que ser atentamente obedecidas. **É um Estado bem ordenado e governado.**

Não há noite como a concebemos e a luz que os banha não lhes promana do nosso Sol. Se quiserem repousar, podem atenuar a luz, sem que jamais se produza a escuridão, como a experimentamos. **Perguntados como se nutrem, disseram-me que comem e bebem exatamente como nós e têm do comer e do beber as mesmas sensações que nós,** se bem a comida e bebida sejam diferentes daquilo que por esses nomes designamos. Gozam de muito maior liberdade de movimentos, visto que se deslocam de um lugar para outro com uma rapidez que nos escapa à compreensão. ⁽⁸⁹⁾

Provavelmente, dirigindo-se aos incrédulos, arrematou J. Artur Findlay: “Unicamente os ignorantes afirmam que só é real o que sentimos, que nada existe fora dessa ordem de sensações”. (90)

Em uma sessão realizada a 4 de dezembro de 1923, em diálogo com um Espírito, J. Artur Findlay, faz-lhe várias perguntas, das quais destacamos estas três por terem relação com o nosso tema:

P. – Poderá dizer-me algo com relação ao vosso mundo?

R. – Todos os que estão num mesmo plano podem, como já disse, ver e tocar as mesmas coisas. Se olhamos para um campo, é um campo o que todos vemos. Cada coisa é a mesma para os que se acham nas mesmas condições de desenvolvimento mental. **Não é um sonho. Tudo é real para nós outros.** Podemos sentar-nos juntos e gozar da companhia uns dos outros, precisamente como fazeis na Terra. **Temos livros e podemos lê-los.** Temos as mesmas sensações que vós. **Podemos dar longos passeios por uma região** e encontrar um amigo a quem não víamos desde muito tempo. **Das flores e dos campos aspiramos os aromas, como vós aí.** Apanhamos flores, como o fazeis. **Tudo é tangível, porém, num grau mais alto de beleza do que tudo na Terra.** Aqui, as flores e os campos não deperecem como aí. O vegetal para de crescer e desaparece. Desmaterializa-se. [...]. (91)

P. – Assemelha-se à nossa a vossa vegetação?

R. – De certo modo, mas é muito mais linda.

[...].

P. – **Como são as vossas casas?**

R. – **São quais as queremos.** As vossas aí **são primeiro concebidas em mente, depois do que se junta a matéria física para construí-las de acordo com o que imaginastes.** Aqui, temos o poder de moldar, a substância etérea, conforme pensamos. **Assim, também as nossas casas são produtos das nossas mentes.** Pensamos e construímos. **É uma questão de vibração do pensamento** e, enquanto, mantivermos essas vibrações, conservaremos o objeto que, durante todo esse tempo, é objetivo para os nossos sentidos. ⁽⁹²⁾

Essas explicações sobre as casas são oportunas, pois, caso abandonemos ideias preconcebidas, elas servirão para entendermos melhor como são as coisas no Mundo Espiritual.

Breve análise do tema

No capítulo 21 do Apocalipse, o último livro do Novo Testamento, temos a seguinte narrativa que, pela ***Bíblia de Jerusalém***, tem o título “A Jerusalém celeste”, (versículos 1 a 8) e “Jerusalém Messiânica”, versículos 9 a 27):

21 A Jerusalém celeste – 1 Vi então *um céu novo e uma nova terra* – pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. 2 **Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova**, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido. 3 Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: “Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, *Deus-com-eles*, será o seu Deus. [...] 8 Quanto aos covardes, porém, e aos infiéis, aos corruptos, aos assassinos, aos impudicos, aos mágicos, aos ídólatras e a todos os mentirosos, a sua porção se encontra no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte”.

A Jerusalém messiânica – 9 Depois, um dos sete Anjos das sete taças cheias com as sete últimas pragas veio até mim e disse-me: “Vem! Vou mostrar-te a Esposa, a mulher do Cordeiro!” 10 Ele

então me arrebatou em espírito sobre um grande e alto monte, e **mostrou-me a Cidade santa, Jerusalém, que descia do céu**, de junto de Deus, 11 *com a glória de Deus*. Seu esplendor é como o de uma pedra preciosíssima, uma pedra de jaspe cristalino. 12 Ela está cercada por muralha grossa e alta, com doze portas. [...]. ⁽⁹³⁾ (itálico e negrito do original, destaque na cor vermelha é nosso)

Sim, não há dúvida alguma que o teor do Apocalipse é bem simbólico, seria até irracional negar isso. A novidade para muitos é que exegetas da atualidade não o tem como de autoria de João Evangelista ⁽⁹⁴⁾.

Apesar disso, queremos trazer para reflexão a menção a “Jerusalém Celeste” como uma possível visão do mundo espiritual que o seu autor teve, ainda que desconhecido.

No item X da Introdução de **O Livro dos Espíritos** há um parágrafo bem interessante, que foi citado por Ricardo dos Santos Malta, que para maior destaque transcrevemos:

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos **seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião**

de estouvados ou de gente de má fama, da qual nem participam as pessoas circunspectas nem as sensatas. [...] **No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má**; dignem-se essas pessoas de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e **se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas a escória popular**. Mas, perguntam elas, os Espíritos de escol vêm até nós? A isto responderemos: Não fiqueis no subúrbio; vede, observai e julgai; **os fatos aí estão para todos**. A menos que a elas se apliquem estas palavras de Jesus: Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem. ⁽⁹⁵⁾

A afirmação de que no mundo dos Espíritos há sociedade boa e também má que compõem a cidade celeste e que “os fatos aí estão para todos”, poderiam nos dar suporte para a existência das colônias espirituais.

Claro, que nem todos adeptos do Espiritismo tendem a ver dessa forma, especialmente os que se tornaram intransigentes em suas opiniões, já que não as mudam de forma alguma.

Em seus comentários ao teor das respostas às questões 266 (a e b) e 558 (c) de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec afirmou que:

a) [...] **A vida humana é, assim, uma cópia da vida espiritual**; nela encontramos, em menor escala, todas as peripécias da outra. [...]. ⁽⁹⁶⁾

b) Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, **pesquisam, estudam, observam**, a fim de fazerem a sua escolha. [...]. ⁽⁹⁷⁾

c) [...] **A vida espiritual é uma ocupação contínua**, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não existe a fadiga corpórea, nem as angústias das necessidades. ⁽⁹⁸⁾

Se a vida humana é “uma cópia da vida espiritual”, essa, por sua vez, “é uma ocupação contínua”, então perguntamos: será que os Espíritos “pesquisam e estudam” vagando sem rumo pelo espaço afora? Não seria mais provável terem construído ambientes próprios utilizando-se da matéria etérea?

Vejamos as questões 278 e 279 de **O Livro dos Espíritos**:

278. Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?

“Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Eles se evitam ou se

aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. **É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam:** os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.”

Comentário de Allan Kardec: **Tal uma grande cidade** onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vício e a virtude convivem lado a lado sem se falarem.

279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*

“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas **as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos Espíritos imperfeitos**, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores.”
(⁹⁹) (itálico do original)

Por oportuno, vamos destacar esta frase: “*É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo.*”, mencionada na questão 278, pois é bem semelhante

ao que foi dito por Mesmer na sua mensagem publicada na *Revista Espírita* 1865: “O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo.” (100)

Achamos bem interessante o fato de que, na questão 278, Allan Kardec ter destacado justamente a frase que bem representa o pensamento de Mesmer. Não estaria aí o Codificador assinando embaixo ao que ele disse?

Por outro lado, ao se dizer que “as regiões habitadas pelos bons são interditas aos Espíritos imperfeitos” (questão 279) não deixa de se referir a um local, ou seja, um lugar circunscrito. Sim, não há contradição alguma nessa resposta dos Espíritos, já que a propalada resposta da questão 1012 tem relação apenas com a crença em “o céu e o inferno”, a não ser por total incapacidade de interpretação, não se deve fugir desse contexto.

Quanto à fala de Mesmer, esse é o argumento que apresentam para a derrubar: “Não podemos tomar literalmente a opinião de um Espírito, fato que

não é possível dentro do Espiritismo”. Pois bem, vamos lá...

1º) É certo que Allan Kardec falou sobre a opinião isolada de um Espírito não deve ser levada à conta de ponto doutrinário, porém, perguntamos: Isso vale para todo e qualquer Espírito?

2º) Se vale para todos, então, temos sérios problemas, pois, em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, há opiniões individuais de alguns Espíritos, como por exemplo, estes que assinaram o “Prolegômenos”:

Santo Agostinho

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 495, em conjunto com São Luís; 2) q. 919-a; 3) q. 1009 e 4) e Conclusão, item IX.

b) *O Livro dos Médiuns*: 1) Cap. XXXI, item I e 2) Cap. XXXI, item XVI

São Vicente de Paulo

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 888-a.

b) *O Livro dos Médiuns*. 1) Cap. XXXI, item XX e

2) Cap. XXXI, item XXVI.

São Luís

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 495, em conjunto com Santo Agostinho; 2) q. 1004; 3) q. 1006; 4) q. 1007, 5) q. 1008; 6) q. 1011 e 7) q. 1019.

b) *O Livro dos Médiuns*: 1) item 74, com 25 respostas; 2) item 94, com 8 perguntas; 3) item 128, com 18 respostas; 4) item 266, uma resposta; 5) item 279, com uma resposta; 6) Cap. XXXI, item VI; 7) Cap. XXXI, item XVII; 8) Cap. XXXI, item XVIII; 9) Cap. XXXI, item XIX e 10) Cap. XXXI, item XXIII.

Sócrates

a) *O Livro dos Médiuns*: 1) item 197, uma explicação e 2) item 198, uma explicação.

Platão

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 1009.

Acrescentamos o Espírito **Lamennais**, que pode muito bem ser um dos mencionados como “e outros”, pois na *Revista Espírita* temos inúmeras mensagens com a sua assinatura. Nas obras que

estamos verificando:

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 1009.

b) *O Livro dos Médiuns*: 1) item 51.

3º) E quanto as opiniões de Mesmer, devemos sumariamente desconsiderá-las? Acreditamos que antes de uma atitude drástica é preciso levar em conta o seu grau evolutivo.

Na ***Revista Espírita 1864***, mês de dezembro, veremos que na sessão comemorativa na Sociedade Espírita de Paris em 2 de novembro, Allan Kardec em locução que dirige aos Espíritos, a certa altura, disse:

A esse testemunho de gratidão associamos todos **os Espíritos bons que, habitual ou eventualmente, vêm trazer-nos o tributo de suas luzes**: João Evangelista, Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianney – o cura d’Ars, Jean Raynaud, Delphine de Girardin, **Mesmer** e os que apenas tomam a qualificação de Espírito. ⁽¹⁰¹⁾

No dia 1º de novembro de 1866, ocorreu uma comunicação coletiva, fato registrado na *Revista Espírita 1867*, mês de março. O Espírito que se

manifestou, através do médium M. Bertrand, disse: “Agora, caros amigos, **todos os vossos Espíritos protetores** virão trazer-nos o seu pensamento. [...]” (102). A segunda mensagem da lista tem a assinatura de Mesmer.

Assim, nessas duas transcrições, temos a revelação do grau evolutivo do Espírito Mesmer: um Espírito bom, que exercia a função de protetor.

Aqui temos as outras oportunidades nas quais encontramos mensagens de Mesmer:

1) *Revista Espírita 1864*, mês de janeiro, dada em 18/dez/1863, sobre médiuns curadores;

2) *Revista Espírita 1864*, mês de outubro, dada em 8/jul/1864, transmissão do pensamento;

3) *Revista Espírita 1865*, mês de maio, dada em 7/out/1864, sobre imigração de espíritos superiores na Terra;

4) ***Revista Espírita 1865***, mês de maio, dada em 14/out/1864, mensagem intitulada “Sobre as criações fluídicas”, da qual transcrevemos estes dois parágrafos:

O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo. ⁽¹⁰³⁾ (itálico do original)

Um ponto que não pode ser desprezado é que Allan Kardec sempre que percebia algo duvidoso nas mensagens ou explicações dos Espíritos acrescentava uma nota destacando o que havia de divergência ou impropriedade. Nessa de Mesmer, nada fez o que, implicitamente, significa que ele concordou com o seu teor.

Nos argumentos contrários sempre aparece a utilização do termo “lógica”. Daí, ser de suma importância citarmos o que Codificador disse a respeito da lógica.

Para isso, vamos consultar o tópico II - Autoridade da Doutrina Espírita da Introdução de 

Evangelho Segundo Espiritismo. Dividiremos o 7º parágrafo em duas partes, para facilitar os nossos comentários:

1ª Parte:

O primeiro controle é, incontestavelmente, o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. **Toda teoria em notória contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui**, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. (continua) ⁽¹⁰⁴⁾

Não podemos deixar de ressaltar o trecho “com os dados positivos que se possui”, que se refere ao último dos três pontos em que Allan Kardec recomenda rejeitar toda teoria em notória contradição.

Muito bom isso, pois na pesquisa que empreendemos conseguimos levantar dados positivos de várias fontes confiáveis que apontam na direção da existência de construções no mundo espiritual, realizadas, por óbvio, da matéria própria desse plano:

48 fontes que citam cidades, construções ou colônias no mundo espiritual

Personagens	Localidade (1)
Estudiosos/Pesquisadores	
1. Robert Dale Owen	Indiana - EUA
2. Léon Denis	Tours - França
3. James Hervey Hyslop (2)	New Jersey - EUA
4. Sir Oliver Lodge	Londres - Inglaterra
5. Arthur Conan Doyle	Crowborough - Inglaterra
6. Ernesto Bozzano	Gênova - Itália
7. James Arthur Findlay	Glasgow - Escócia
8. Cairbar Schutel	Matão, SP - Brasil
9. Pe. François Brune	Vernon, Eure - França.
10. José Herculano Pires	São Paulo, SP - Brasil
11. Richard Simonetti	Bauru, SP - Brasil
Relatos EQMs e EFCs	
1. Raymond A. Moody	Las Vegas, Nevada - EUA
2. Bill e Judy Guggenheim	Long Island, New York, New Jersey - EUA
3. Dr. Jeffrey Long	Houma, Louisiana - EUA
4. Eben Alexandre III	Carolina do Norte - EUA
5. Admir Serrano	Miami - EUA
6. Victor e Wendy Zammit	Sydney - Austrália

Experiência dos próprios médiuns	
1. Yvonne A. Pereira	Rio de Janeiro, RJ – Brasil
2. Rev. G. Vale Owen	Birmingham – Inglaterra
3. Emanuel Swedenborg	Estocolmo – Suécia
4. Andrew Jackson Davis	Boston – EUA
5. Heigorina Cunha	Sacramento, MG – Brasil
6. Vânia Arantes Damo	Palmelo, GO – Brasil
7. Sadhu Sundar Singh	Sem residência fixa – Índia
8. James Van Praagh	Los Angeles – EUA
9. Sylvia Browne	Kansas City, Missouri – EUA
10. Joy Snell	Londres – Inglaterra
11. E. B. Duffey	Nova Jersey – EUA
12. Gladys Osborne Leonard	Lancaster – Inglaterra
Comunicação telepática e psicografias	
1. Elza Barker (“X”) 1913	Londres – Inglaterra
2. Lilian Walbrook (Lester Coltman)	Londres – Inglaterra
3. Anna Wickland (Dezessete Espíritos)	Los Angeles – EUA
4. Jozef Rulof (Alcar)	Holanda – Países Baixos
5. Chico Xavier (Maria João de Deus)	Pedro Leopoldo, MG – Brasil

6. Francisco Lorenz (Roberto Stern)	Dom Feliciano, RS - Brasil
7. Anthony Borgia (Robert Benson)	Londres - Inglaterra
8. Helen Greaves (Roger)	? - Reino Unido
9. Divaldo Franco (Joanna de Ângelis)	Feira de Santana, BA - Brasil
10. João Nunes Maia (Miramez)	Belo Horizonte, MG - Brasil
11. Abel Glaser (3) (Caibar Schutel)	São Paulo, SP - Brasil
12. Wanda Canutti (Eça de Queirós)	Araraquara, SP - Brasil
13. Nelson Moraes (Zílio)	São Paulo, SP - Brasil
14. Gilson Freire (Adamastor)	Belo Horizonte, MG - Brasil
15. Wagner da Paixão (João Lúcio)	Belo Horizonte, MG - Brasil
16. Emanuel Cristiano (Nora)	Campinas, SP - Brasil
17. Rafael de Figueiredo (Frei Felipe)	São Leopoldo, RS - Brasil
18. José Araújo (Luís Felipe)	Blumenau, SC - Brasil
19. Orlando Noronha Carneiro (Abelha)	Osasco, SP - Brasil
<p>(1) Residência/trabalho: dentro do que pudemos levantar, pode ser que as cidades não sejam exatamente as mencionadas. Os países, estes, sim, podem ser considerados.</p> <p>(2) Todos os nomes em células sombreadas têm obras</p>	

publicadas antes de 1944, data da primeira edição de *Nosso Lar*, em que a descrição da vida e paisagem nas colônias é mais detalhada.

(3) Coordenou grupo de oito médiuns, que psicografaram mensagens de Cairbar Schutel.

Esta lista faz parte da versão atualizada do nosso livro ***As Colônias Espirituais e a Codificação***. Julgamos que, diante das inúmeras fontes confiáveis que citamos, o seu teor também atende aos dois outros requisitos do Controle Universal: vários médiuns e de diferentes localidades diferentes.

No artigo “Senhor Adrien, médium vidente”, publicado na ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro, há algo que não havíamos percebido antes, mas é muito importante para análise da lista dos nomes apresentados no tópico “Experiência dos próprios Médiuns” do quadro com as 48 fontes que apresentamos:

De todas suas faculdades como médium, a mais notável, e em nossa opinião a mais preciosa, **é a de médium vidente. Os Espíritos lhe aparecem sob a forma que descrevemos em nosso artigo precedente sobre as aparições; ele os vê com**

uma precisão da qual pode-se julgar pelos retratos, que damos adiante, da viúva de Malabar e da Belle Cordière de Lyon. Mas, dir-se-á, o que prova que ele vê bem e que não é o juguete de uma ilusão? O que o prova, é que quando uma pessoa, que ele não conhece, evoca por seu intermédio um parente, um amigo que ele jamais viu, e dele faz um retrato surpreendente de semelhança e que pudemos mesmo constatar; não há, pois, para nós nenhuma dúvida sobre essa faculdade que ele goza no estado de vigília, e não como sonâmbulo.

O que há de mais notável ainda, talvez, é que **não vê só os Espíritos evocados; ao mesmo tempo, vê todos aqueles que estão presentes, evocados ou não; ele os vê entrarem, saírem, irem, virem escutarem o que se diz, rirem ou levarem a sério**, segundo seu caráter; em uns há gravidade; em outros, um ar zombeteiro e sardônico; algumas vezes um deles avança até um dos assistentes, lhe coloca a mão sobre a espádua ou se coloca ao seu lado, alguns se mantêm afastado; em uma palavra, em toda reunião, **há sempre uma assembleia oculta composta de Espíritos atraídos por sua simpatia pelas pessoas, e pelas coisas pelas quais se ocupem.** [...].

[...].

Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo

ver pelo pensamento; os Espíritos não são mais seres abstratos, são seres reais, que estão ali ao nosso lado, que nos acotovelam sem cessar, e como sabemos agora que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma multidão de impressões que sentimos sem delas nos rendermos conta. Também **colocamos o senhor Adrien no número dos mais notáveis médiuns, e na primeira classe daqueles que forneceram os elementos mais preciosos para o conhecimento do mundo espírita**. Sobretudo, o colocamos na primeira classe por suas qualidades pessoais, que são as de um homem de bem por excelência, e que o tornam eminentemente simpático aos Espíritos da mais elevada ordem, o que não ocorre sempre entre os médiuns de influências puramente físicas. Sem dúvida, entre estes últimos, aos que farão mais sensação, cativarão melhor a curiosidade; mas para o observador, para aquele que quer sondar os mistérios desse mundo maravilhoso, o senhor Adrien é o mais poderoso auxiliar que já vimos. Também **colocamos sua faculdade, e sua complacência, em proveito de nossa instrução pessoal**, seja na intimidade, seja nas sessões da Sociedade, seja, enfim, na visita de diversos lugares de reunião. Estivemos juntos no teatro, nos bailes, nos passeios, nos hospitais, nos cemitérios, nas igrejas; assistimos a enterros, a casamentos, a batismos, a sermões: **por toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham se agrupar, entabulamos conversação com alguns, os interrogamos e aprendemos muitas coisas** das quais aproveitaremos aos nossos leitores,

porque nosso objetivo é fazê-los penetrarem, como nós, nesse mundo tão novo para nós. [...] o Espiritismo nos descobre **o mundo dos Espíritos que está por toda parte, ao nosso lado como nos espaços**; mundo real que reage incessantemente sobre nós. ⁽¹⁰⁵⁾

O trecho que destacamos em vermelho com a opinião de Allan Kardec sobre a faculdade de vidência, recomendamos que seja aplicado aos doze nomes listados, pois sete deles (58%) eram médiuns videntes, os restantes, por desdobramento espiritual, testemunharam a vida de além-túmulo, não temos motivo algum que justifique não os levar em consideração.

2ª Parte:

(continuação) **Esse controle, porém, em muitos casos ficará incompleto, em razão da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar a própria opinião como juízes únicos da verdade.** Em semelhante caso, o que fazem os homens que não depositam absoluta confiança em si mesmos? Vão buscar **o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta.** Assim se deve proceder com relação ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem, eles mesmos, os meios de consegui-lo. ⁽¹⁰⁶⁾

Ora, ora, então temos que o julgamento sobre “se tem ou não lógica” cabe à maioria e não especificamente a certas pessoas “em razão da insuficiência de conhecimentos e na tendência de tomar a própria opinião como juízes únicos da verdade”.

Vamos consultar a **Revista Espírita 1859**, mês de junho, para ressaltar do artigo “Intervenção da Ciência no Espiritismo”, por oportuna, a seguinte frase:

Não há ninguém de bom senso que não faça justiça aos **sábios**, reconhecendo, entretanto, que **não são infalíveis** e, assim, que seu julgamento, não é a última instância. ⁽¹⁰⁷⁾

É claro que aceitaremos contestação à opinião do jornalista Herculano Pires e a de Ernesto Bozzano, entretanto julgamos ser necessário que cada opositor comprove, sem deixar margem à dúvida, ter sido tão profícuo quanto eles na publicação de obras de cunho doutrinário.

Após a mensagem intitulada “Os Espíritos incrédulos e materialistas”, registrada na **Revista**

Espírita 1863, mês de maio, encontraremos uma pergunta dirigida a Erasto com sua respectiva resposta:

Pergunta. – Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreende o materialismo, uma vez que seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada após a morte.

Resposta (médiun, Sr. d'Ambel). – Uma palavra somente: **todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material**; isto está bem demonstrado. Ora, aqueles que, durante sua vida, não admitiam senão um princípio na Natureza, a matéria, não percebem, frequentemente, ainda depois da sua morte senão esse princípio único, e absoluto. Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a sua vida, os encontrareis certamente, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos. Outrora se consideravam como corpos sólidos; hoje se consideram como corpos fluídicos, eis tudo. **Notai bem, eu vos peço, que se percebem sob uma forma nitidamente circunscrita, toda vaporosa que ela seja, e idêntica à que tinham sobre a Terra no estado sólido ou humano.** De tal sorte que não veem, em seu novo estado, senão uma transformação de seu ser na qual não tinham pensado; mas ficam convencidos de que é uma progressão para o fim ao qual chegarão quando estiverem suficientemente libertos, para se apagarem no grande todo universal. Não há nada

de tão renitente do que um sábio, e eles persistem em pensar que esse fim, por ser retardado, por isso não é menos inevitável. **Uma das condições de sua cegueira moral é de encerrá-los mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de impedi-los de se afastarem das regiões terrestres ou similares à Terra**; e do mesmo modo que a grande maioria dos encarnados, aprisionados na carne, não podem perceber as formas vaporosas dos Espíritos que o cercam, do mesmo modo a opacidade do envoltório dos materialistas lhes interdita contemplar as entidades espirituais que se movem tão belas e tão riosas, nas altas esferas do império celeste. (a) ERASTO. ⁽¹⁰⁸⁾ (Itálico do original)

Bem curiosa é a informação sobre a existência no mundo espiritual de “regiões terrestres ou similares à Terra”, que abre portas para pensarmos em construções, obviamente com a matéria próprio desse plano.

Vamos encontrar na **Revista Espírita 1869**, mês de abril, o artigo com o título de “Profissão de fé espírita americana”, do qual ressaltamos os seguintes trechos da “Declaração de princípios”, que Allan Kardec reproduziu o jornal espírita *Salut* de Nova Orleans:

O espiritualismo nos ensina [itens 1 a 19]:

3. **Que há um mundo, ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, objetivas tão bem quanto subjetivas.**

8. **Que o mundo espiritual não está longe de nós, mas que está perto, que nos cerca, ou que está misturado ao nosso presente estado de existência;** e, conseqüentemente, que estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.

9. Que, uma vez que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual, em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, **o estado espiritual compreende todos os graus de caracteres,** do mais baixo ao mais elevado.

10. Que, uma vez que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos do que das circunstâncias exteriores, **há tantos graus para cada um quanto há de nuances de caracteres, cada indivíduo gravitando em seu próprio lugar por uma lei natural de afinidade.** Podem ser divididos em **sete graus gerais ou esferas; mas estes devem compreender as variedades indefinidas, ou uma “infinidade de moradas” correspondendo aos caracteres diversos dos indivíduos,** cada ser gozando tanto de felicidade quanto seu caráter lhe permite dela ter.

11. Que **as comunicações do mundo dos Espíritos, que elas sejam recebidas por impressão mental, por inspiração,** ou de toda

outra maneira, não são necessariamente, as verdades infalíveis, mas que, ao contrário, elas se ressentem, inevitavelmente, das imperfeições da inteligência da qual elas emanam e do caminho por onde elas vêm; e que, além disso, elas são suscetíveis de receber uma falsa interpretação daqueles a quem são dirigidas. ⁽¹⁰⁹⁾

Vejamos agora os comentários do Codificador:

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos; se isso não é da totalidade, é ao menos a da maioria. **Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país do que o Espiritismo na Europa**; ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e disto se tiraram conclusões. Nesse mundo não mais do que aqui, não se partiu da hipótese dos Espíritos para explicar os fenômenos; mas, dos fenômenos como efeito, chegou-se pela observação aos Espíritos como causa. [...].

Já se pôde notar as relações e **as diferenças que existem entre as duas escolas, e para aqueles que não se pagam com palavras**, mas que vão ao fundo das ideias, a diferença se reduz a muito pouca coisa. Essas duas escolas não tendo se copiado, essa coincidência é um fato muito notável. Assim, eis **dos dois lados do Atlântico, milhões de pessoas que observam um fenômeno, e que chegam ao mesmo resultado**. É verdade que o Sr. Chevillard não havia ainda passado por lá para opor o seu veto e

dizer a esses milhões de indivíduos, entre os quais há os de bom nome que não passam por tolos: "Estais enganados; só eu possuo a chave desses estranhos fenômenos, e eu vou deles dar ao mundo a solução definitiva."

Para tornara comparação mais fácil, vamos tomar a profissão de fé americana, artigo por artigo, e por em paralelo o que disse, sobre cada uma das proposições que ali são formuladas, a doutrina de *O Livro dos Espíritos*, publicada em 1857, e que além disso está desenvolvida nas outras obras fundamentais.

Disso se encontrará um resumo mais completo no capítulo II de *O que é o Espiritismo?* [itens 1 a 19]:

1. O homem possui uma alma ou Espírito, princípio inteligente, em que residem o pensamento, a vontade, o senso moral, e cujo corpo não é senão o envoltório material. O Espírito é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não é senão um acessório temporário. **O Espírito, seja durante a vida carnal, seja depois de tê-la deixado, é revestido de um corpo fluídico ou perispírito, que reproduz a forma do corpo material.**

3. Os Espíritos, libertos do corpo carnal, **constituem o mundo invisível ou espiritual, que nos cerca e no meio do qual vivemos.**

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, que são eles mesmos fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os

homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Ver *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluídos e das criações fluídicas.)

10. **O céu e o inferno, segundo a crença vulgar, são os lugares circunscritos de recompensas e de punições.** Segundo o Espiritismo, os Espíritos trazem em si mesmo os elementos de sua felicidade ou de seus sofrimentos, **são felizes ou infelizes por toda a parte onde se encontrem**; as palavras céu e inferno não são senão figuras que caracterizam um estado de felicidade ou de infelicidade.

Há, por assim dizer, **tantos graus entre os Espíritos quanto há de nuances nas aptidões intelectuais e morais**; no entanto, considerando-se os caracteres mais marcantes, podem ser agrupados em nove classes ou categorias principais, podendo se subdividirem ao infinito, sem que essa classificação tenha nada de absoluta. (O Livro dos Espíritos, liv. II, cap. I, n° 100, escala espírita.)

À medida que os Espíritos avançam na perfeição, eles habitam mundos cada vez mais avançados fisicamente e moralmente. Sem dúvida, foi o que Jesus quis falar com estas palavras: “Há várias moradas na casa de meu pai.” (Ver *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III.)⁽¹¹⁰⁾

Allan Kardec demonstra que algumas coisas que o Espiritualismo norte-americano defende vai ao

encontro das conclusões que os Espíritas europeus chegaram, ou seja, há verdadeira correspondência entre os princípios.

Não podemos deixar de fazer referência ao item 3, com o seguinte teor; “Que há um mundo, ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, objetivas tão bem quanto subjetivas.” Observe, caro leitor, que no mundo espiritual há realidades “objetivas” e “subjetivas”, as primeiras certamente são produto de criações fluídicas. É o que podemos concluir do comentário de Allan Kardec no item correspondente: “As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, [...] quanto os são as imagens e os objetos terrestres para os homens”. Diante disso, perguntamos: Temos ou não base para sustentar as construções no mundo espiritual?

Em seus argumentos os expositores discordantes dessa ideia sempre apresentam algumas questões de ***O Livro dos Espíritos***, como contrárias às colônias espirituais. Dentre elas merece destaca a questão 1012, uma vez que a consideram como sendo “o tiro mortal” contra a ideia das

colônias. Vejamos o seu teor:

1012. *Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seus merecimentos?*

“Já respondemos a esta pergunta. **As penas e os gozos** são inerentes ao grau de perfeição do Espírito. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, **não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uma e a outra coisa.** [...]”

– *De acordo, então, com o que vinde de dizer, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?*

“São simples alegorias: por toda parte há Espíritos ditosos ou inditosos. Entretanto, conforme também já dissemos, **os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia**; mas podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos.”

A localização absoluta das regiões de penas e recompensas só existe na imaginação do homem. Provém da sua tendência a *materializar e circunscrever* as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender. ⁽¹¹¹⁾ (itálico do original)

Da transcrição anterior destacamos “O céu e o inferno, segundo a crença vulgar, são os lugares

circunscritos de recompensas e de punições”, precisamente o contexto da questão 1012.

Importa lembrarmos que o primeiro elemento que devemos considerar para a interpretação de qualquer texto é ter plena consciência do seu contexto, de modo a evitar alguma impropriedade ou equívoco de entendimento.

No caso em análise, ou seja, a questão 1012, ela se localiza no tópico “Paraíso, inferno, purgatório. Paraíso Perdido. Pecado Original” do cap. II - Das penas e gozos futuros da Quarta Parte - Das esperanças e consolações. Portanto, é exatamente dentro desse limite que devemos entender o teor da resposta dos Espíritos para a interpretar segundo o efetivo pensamento do(s) autor(res).

A ideia contida na questão 1012 é quanto a lugares circunscritos para penas e gozos, portanto, trata-se de uma ligação objetiva com a crença no “inferno” e no “paraíso”, respectivamente, conforme a teologia vigente. Então, a resposta deve ser no sentido de que “não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uma

[=**inferno**] e outra coisa [=paraíso]”, como geralmente se crê, pois tratam-se apenas de alegorias.

Aliás, na obra ditada por André Luiz é objetivamente dito: “‘Nosso Lar’ não é estância de espíritos propriamente vitoriosos, se conferirmos ao termo sua razoável acepção.” (112), daí não há como o comparar essa colônia espiritual ao paraíso, não é mesmo?

O que tem na resposta à questão 1012 contra a ideia das construções no mundo espiritual? Nada, absolutamente nada. Mas, ao que se vê por aí, tem. É muito fácil identificar que os negadores das colônias e também do umbral, os veem exatamente na condição de “paraíso” e “inferno”, e daí, na cabeça deles, o teor da resposta à questão é contrário.

Em seu comentário na questão 1012-a de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec dá a seguinte explicação:

A localização absoluta dos lugares de penas e de recompensas só existe na imaginação do

homem; provém de sua tendência a *materializar* e a *circunscrever* as coisas cuja essência infinita não pode compreender. ⁽¹¹³⁾ (itálico do original)

O Codificador certamente que não está se referindo a outra coisa senão à crença de “inferno” e “paraíso” localizados, nada mais que isso. Os que “querem” enxergar outra coisa, simplesmente se desviram do caminho, pegando um atalho que não vai dar em lugar algum.

Do artigo “Duplo suicídio por amor e por dever”, publicado na **Revista Espírita 1862**, mês de julho, destacamos o seguinte parágrafo:

Certos católicos censuram **o Espiritismo** por não admitir o inferno; certamente não, ele **não admite a existência de um inferno localizado**, com suas chamas, suas forcas e suas torturas corpóreas renovadas do Tártaro dos pagãos; **mas a posição em que nos mostra os Espíritos infelizes não vale mais do que ele**, com esta diferença radical, no entanto, de que a natureza das penas nada tem de irracional, e que sua duração, em lugar de ser irremissível, está subordinada ao arrependimento, à expiação e à reparação, o que é, ao mesmo tempo, mais lógica e mais conforme com a doutrina da justiça e da bondade de Deus. ⁽¹¹⁴⁾

Eis aí, tão claro quanto possível, sobre o quê Allan Kardec estava se referindo. As colônias espirituais nada mais são que construções temporárias criadas pelos espíritos como um posto de socorro, que tem por objetivo a assistência e ajuda aos sofrendores. Santo Agostinho esclarece-nos: “É peculiar à nossa vida consolar o Espírito que pena e sofre.” ⁽¹¹⁵⁾ E como já dissemos, um dia, quando a evolução da humanidade chegar a um determinado patamar, elas não serão mais necessárias

E quanto à questão 1017 de **O Livro dos Espíritos**, cuja referência é a fala de alguns Espíritos sobre habitarem “o quatro, o quinto céu”, Allan Kardec também comenta:

Dá-se a mesma coisa com outras **expressões análogas, tais como: cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera etc.**, que são apenas alegorias usadas por alguns Espíritos, quer como figuras, quer, algumas vezes, por ignorância da realidade das coisas, e até das mais simples noções científicas.

Segundo **a ideia restrita que outrora se fazia dos lugares das penas e das recompensas** e, sobretudo, conforme a opinião de que **a Terra era o centro do Universo, de que o céu formava**

uma abóbada e que havia uma região das estrelas, colocava-se o céu no alto e o inferno embaixo. Daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado nos infernos. Hoje, que a Ciência demonstrou que [...] Espaço é infinito, que não há nem alto nem baixo no Universo, teve-se que renunciar a situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares inferiores. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe foi designado. [...] Assim, podemos dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraíso. Nosso purgatório, nós o encontramos na encarnação, nas vidas corpóreas ou físicas. ⁽¹¹⁶⁾

As expressões “cidade das flores”, “cidade dos eleitos”, “primeira, segunda ou terceira esfera, etc.” são análogas a quê? Dentro do contexto, ao “paraíso” que, segundo a crença comum, se localizava “no mais alto dos céus”.

Tinha-se, como se vê, que a localização do “paraíso” era “no alto” e a do “inferno”, era “embaixo”, considerando-se a Terra como centro do Universo. Tomar isso como algo contrário às colônias e o umbral é ir muito além do conceito deles, para, sem a menor dúvida, cair num dogmatismo escancarado.

Confessamos que até hoje não vimos, em nenhuma obra ou artigo, algum autor – encarnado ou desencarnado – afirmando que as colônias seriam o paraíso e que o umbral seria o inferno.

Nessa perspectiva somente veem os que combatem os relatos constantes das obras ditadas por André Luiz, Espírito pelo qual muitos confrades parecem ter uma certa ojeriza, diga-se de passagem.

Claro que na produção de André Luiz há coisas que são frutos da criatividade dele, como muito bem pontuou Herculano Pires. Entretanto, devemos ser previdentes para “não jogarmos a água da bacia fora com a criança dentro”.

O “já respondemos a esta pergunta”, certamente se refere à seguinte questão de **O Livro dos Espíritos**:

87. Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no Espaço?

“Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de

que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que **há regiões interditas aos menos adiantados.**" ⁽¹¹⁷⁾ (itálico do original)

É objetivamente informado de que "há regiões interditas aos menos adiantados" o que são elas, as regiões, senão algo "determinado e circunscrito"? O que não existe, voltamos a explicar, são o "paraíso" e o "inferno" localizados em alguma região.

Antigamente, colocavam o primeiro - o paraíso - para além do "céu azul," enquanto o segundo - o inferno -, tinham-no nas "entranhas da Terra".

É oportuno voltamos à resposta da questão 279 de **O Livro dos Espíritos**, para esclarecer algo que deixamos para esse momento:

279. Todos os Espíritos têm reciprocamente acesso aos diferentes grupos ou sociedades que eles formam?

Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam influir sobre os maus. **As regiões, porém, que os bons habitam estão interditas aos Espíritos imperfeitos**, a fim de que não as perturbem com suas paixões inferiores." ⁽¹¹⁸⁾ (itálico do original)

As regiões habitadas pelos bons Espíritos, aqui mencionadas, certamente, estão situadas, ou seja, localizadas no mundo espiritual, não dizem respeito a planetas. Como já dissemos, ao se falar em “região” está se afirmando, de forma bem clara e objetiva, de algo circunscrito.

Em nossa pesquisa publicada no livro ***As Colônias Espirituais e a Codificação***, dissemos que os mundos transitórios ou intermediários, destinado a Espíritos errantes, por similaridade dariam suporte a existência de construções no mundo espiritual.

Aliás, é bom esclarecer que a renda dessa nossa obra é revertida para a divulgação do Espiritismo. O único interesse que nos move é ajudar as pessoas no entendimento de certos pontos doutrinários, é, pois aí que temos algum “lucro”, deixamos isso bem claro, para não gerar suposições e ilações infundadas ou até mesmo insinuações maldosas.

Destacaremos apenas este trecho de uma mensagem do Espírito São Luís, publicado na

Revista Espírita 1862, mês de julho:

[...] **Os mundos intermediários são povoados de Espíritos esperando a prova da encarnação, ou aí se preparando de novo, segundo seu grau de adiantamento. Os Espíritos, nesses viveiros da vida eterna, estão agrupados e divididos em grandes tribos, uns adiante, outros em atraso no progresso, e cada um escolhe, entre os grupos humanos, aqueles que correspondem simpaticamente às suas faculdades adquiridas, os quais progredem e não podem retrogradar.** (¹¹⁹)

Os mundos intermediários não “regiões localizadas” e neles, temporariamente, habitam Espíritos errantes que estão aguardando a oportunidade de uma nova encarnação.

Vejamos as seguintes questões de **O Livro dos Espíritos**:

234. *Há, de fato, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes?*

“Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiada longa erraticidade, estado este sempre

um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar.”

236. Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

“Não, a condição deles é meramente temporária.” ⁽¹²⁰⁾ (itálico do original)

Temos aqui duas coisas importantes, que listamos:

1ª) se há mundos que servem temporariamente de habitação a Espíritos errantes, abre-se espaço para as construções. Além disso, esses mundos não deixam de ser lugares circunscritos;

2ª) é uma condição temporária. Correlacionando com as colônias, veremos uma semelhança, pois elas são exatamente habitações temporárias de Espíritos errantes.

Não podemos deixar de chamar a atenção para o fato de que a cidade espiritual “Nosso Lar”,

segundo afirmado, várias vezes, na própria obra, é uma zona de transição (¹²¹), como vimos, tal e qual os mundos intermediários ou transitórios, cuja “posição não é senão transitória” (¹²²).

Eis aí o outro problema de interpretação, tomam-nas como eternas. É bom deixar bem claro, para evitar entendimento equivocado, que tanto as colônias quanto o umbral não são o destino de todos os seres que desencarnam – muitos têm evolução suficiente para ir além deles.

Ademais, segundo o que conseguimos apreender, as colônias espirituais nada mais são que prontos-socorros aos Espíritos recém-desencarnados (¹²³) ainda apegados às coisas ou situações terrenas e os que a maldade ainda domina os seus corações, geralmente vivendo nas trevas, na linguagem de vários Espíritos, cujos diálogos ou mensagens estão registrados em obras da Codificação não é algo tipo “paraíso”, como parece crer alguns confrades. Portanto, não lhes podem aplicar o teor da resposta à questão 1012 de *O Livro dos Espíritos*.

Corroborando a atividade socorrista dos bons

Espíritos, observa-se que, em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec disse “Pelo que vemos, **os Espíritos inferiores são assistidos por Espíritos bons** com a missão de os guiar, [...].” (124)

Elas, as colônias espirituais, existirão enquanto o nosso planeta for habitado por Espíritos inferiores, conforme já o dissemos milhares de vezes. A partir de um certo ponto de sua transição de mundo de provas e expiações para entrar na categoria de mundo de regeneração, possivelmente serão “desativadas”, e conseqüentemente o Umbral, por não serem mais necessárias.

Do artigo “Um Espírito que não se acredita morto”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de dezembro, transcrevemos o seguinte trecho:

Um dos nossos assinantes, do departamento de Loiret, ótimo médium escrevente, escreveu o que se segue sobre vários fatos de aparição que lhe foram pessoais.

“Não querendo deixar no esquecimento nenhum dos fatos que vêm em apoio da Doutrina Espírita, **venho comunicar-vos novos fenômenos, dos quais sou a testemunha e o médium**, e que, como o reconheceréis, concordo perfeitamente

com tudo o que publicastes em vossa *Revista* sobre os diversos estados dos Espíritos depois de sua separação do corpo.

“Há cerca de seis meses, ocupava-me de comunicações Espíritas com várias pessoas, quando **me veio o pensamento de perguntar se, entre os assistentes, encontrava-se algum médium vidente.** O Espírito respondeu afirmativamente e, designando-me, acrescentou: **Tu já o és, mas num grau fraco, e somente durante teu sono;** mais tarde teu temperamento se modificará de tal forma, que te tornarás um excelente médium vidente, mas pouco a pouco, e primeiro somente durante o sono.

“No curso deste ano, tivemos a dor de perder três de nossos parentes. Um deles, que **era meu tio,** apareceu-me, algum tempo depois de sua morte, **durante meu sono;** teve comigo uma longa conversa, e **conduziu-me ao lugar que habita, e que me disse ser o último degrau conduzindo à morada da felicidade eterna.** Tive a intenção de dar-vos a explicação do que admirei nessa **morada incomparável,** mas tendo consultado meu Espírito familiar a esse respeito, respondeu-me: A alegria e a felicidade que experimentastes poderiam influenciar o relato que farias das maravilhosas belezas que admiraste, e tua imaginação poderia criar coisas que não existem. Espera que teu Espírito esteja mais calmo. Detive-me, pois, para obedecer ao meu guia, e não me ocuparei senão de duas outras visões que são mais positivas. Reportar-vos-ei somente as últimas palavras de meu tio. Quando admirava aquilo que me era

permittedo ver, ele me disse: Vais agora retornar à Terra. Eu lhe supliquei conceder-me ainda alguns instantes. – Não, disse, são cinco horas, e deves retomar o curso de tua existência. No mesmo instante despertei, e cinco horas soaram no meu relógio. ⁽¹²⁵⁾

Eis aí, mais um caso que corrobora a existência de moradas no mundo espiritual, mas alguns confrades recusam-se a crer nessa realidade, que inúmeras fontes confiáveis apontam, preferindo continuar com suas crenças apoiadas em bases totalmente equivocadas, mas que, infelizmente, não se dão conta disso.

Da **Revista Espírita 1861**, mês de maio, do tópico “Ensinamentos e dissertações espíritas”, transcrevemos a mensagem “Festas dos bons Espíritos”:

A chegada de um Irmão entre eles.

(Envio da Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux)

Também **temos as nossas festas**, e isso nos ocorre frequentemente, porque os bons Espíritos da Terra, nossos irmãos bem-amados, em se despojando de seu envoltório material, nos estendem os braços, e nós vamos, em grupo

inumerável, **recebê-los à entrada da morada onde vão doravante habitar conosco**; e nessas festas não se agitam, como nas vossas, as paixões humanas que, sob os rostos graciosos, e as frentes coroadas de flores, escondem a inveja, o orgulho, o ciúme, a vaidade, o desejo de agradar e de preponderar sobre os seus rivais nesses prazeres factícios que não o são mais. Aqui reinam a alegria, a paz, a concórdia; cada um está contente com a classe que lhe foi assinalada e feliz com a felicidade de seus irmãos. Pois bem! Meus amigos, com esse acordo perfeito que reina entre nós, **nossas festas têm um encanto indescritível; milhões de músicos cantam, sobre liras harmoniosas**, as maravilhas de Deus e da criação, com os acentos mais encantadores do que as vossas mais suaves melodias; **longas procissões aéreas de Espíritos volitam como zéfiros, lançando sobre os recém-chegados nuvens de flores**, das quais não podeis compreender o perfume e as nuances variadas; depois o banquete fraterno, onde são convidados aqueles que terminaram com felicidade a sua prova, e vêm receber a recompensa de seus trabalhos. Oh! Meu amigo, tu gostarias disso saber mais, mas **a vossa língua não tem possibilidade de descrever essas magnificências**; eu já vos disse bastante, a vós que sois meus bem-amados, para vos dar o desejo de isso aspirar, e então, cara Emile, livre da missão que cumpri junto de ti sobre a Terra, continuá-la-ei para te conduzir através do espaço, e te fazer desfrutar todas essas felicidades.

FELÍCIA.

Mulher do evocador Emile, e depois de um ano
seu guia protetor. ⁽¹²⁶⁾

“Recebê-los à entrada da morada onde vão doravante habitar conosco”, é uma informação que, a nosso sentir, também corrobora a existência de construções no mundo espiritual.

Percebemos que poucos espíritas sabem que a ideia de construções no mundo espiritual não é fruto da criação de André Luiz: várias obras anteriores já as mencionam, conforme se pode ver nesta lista:

Construções no mundo Espiritual (Fontes anteriores a André Luiz)	
Em 1935, aparece Cartas de Uma Morta (psicografada até fins de 1934), ditado por Maria João de Deus, é a 1ª obra de Chico Xavier em que se fala de construções no mundo espiritual, mas antes dela estas obras já davam notícia disso (# = data provável).	
Ord/data	Autor / título da obra
01) 1771	Emanuel Swedenborg (<i>História do Espiritismo</i>)
02) 1847#	Andrew Jackson Davis (<i>História do Espiritismo</i>)

03) 1877	Robert Dale Owen, <i>Região em Litígio</i>
04) 1889	Léon Denis, <i>Depois da Morte (1903, No Invisível)</i>
05) 1913	James H. Hyslop, <i>American Journal of the S. P. R.</i>
06) 1913	Elza Barker, <i>Cartas de Um Morto-vivo</i>
07) 1916	Sir Oliver Lodge, <i>Raymond</i>
08) 1921	Rev. G. Vale Owen, <i>A Vida Além do Véu</i>
09) 1923	Lilian Walbrook, <i>O Caso de Lester Coltman</i>
10) 1924	Carl August Wickland, <i>Trinta Anos Entre os Mortos</i>
11) 1924	Ernesto Bozzano, <i>Joy Snell e a Missão dos Anjos</i>
12) 1926	Sadhu Sundar Sing, <i>Visões do Mundo Espiritual</i>
13) 1926	Arthur Conan Doyle, <i>História do Espiritismo</i>
14) 1926	Yvonne do Amaral Pereira, <i>Memórias de um Suicida</i>
15) 1930	Ernesto Bozzano, <i>A Crise da Morte</i>
16) 1931	Gladys Osborne Leonard, <i>Minha Vida em Dois Mundos</i>

17) 1931	J. Arthur Findlay, <i>No Limiar do Infinito</i>
18) 1932	Cairbar Schutel, <i>A Vida no Outro Mundo</i>
19) 1933	Jozef Rulof, <i>Uma Olhada no Além</i>
20) 1935	Chico Xavier, <i>Cartas de Uma Morta</i>
21) 1940	Francisco Valdomiro Lorenz, <i>Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor</i>
(SILVA NETO SOBRINHO, P. <i>As Colônias Espirituais e a Codificação</i> , edição ampliada e revisada)	

O primeiro da lista é citado no vídeo como sendo o ponto inicial dessa ideia, como se todos os que vieram depois de Swedenborg tivessem lido sua obra para replicar a informação sobre as construções no mundo espiritual. Ilações que caem por absoluta falta de consistência.

Quanto ao que Emanuel Swedenborg (1688-1772) disse, vejamos estas considerações de Hermínio C. Miranda no livro ***Swedenborg, Uma Análise Crítica***:

Para resumir e concluir, entendo que Emanuel Swedenborg deve ser, com justiça, considerado um precursor na divulgação dos *fenômenos* que

constituem objeto do Espiritismo. **Foi quem primeiro discorreu com autoridade sobre as condições de vida no mundo póstumo, levando muitas pessoas à consoladora convicção na sobrevivência do ser à morte corporal.** Também demonstrou com suficiente credibilidade, a viabilidade do intercâmbio com os seres encarnados, ainda que ele próprio não tenha tirado disso o desejável proveito. Suas observações acerca do *limbo* (equivalente ao perispírito, na terminologia kardequiana) são pertinentes e pioneiras.

Quanto aos aspectos doutrinários do Espiritismo, contudo, suas especulações são inaceitáveis e nada têm a ver com a lúcida Doutrina dos Espíritos, com a qual se choca frontalmente em aspectos relevantes como a questão fundamental das vidas sucessivas.

Sobre as questões teológicas que, a rigor, não dizem respeito especificamente ao Espiritismo, mas às instituições dogmáticas tradicionais, **suas observações apresentam-se eivadas de fantasias, suposições, dogmas e teorias que não resistem a uma análise crítica, mesmo elementar.** ⁽¹²⁷⁾ (itálico do original)

Essa análise crítica de Hermínio Miranda é bem oportuna, porquanto, evocado por Allan Kardec, o Espírito Swedenborg manifesta-se e confessa ter se equivocado em alguns pontos, mormente no que diz

respeito à doutrina das correspondências, conforme se poderá ver na *Revista Espírita* 1859.

O interessante é que também colocam a manutenção dessa ideia à conta de crenças religiosas, mas se assim for, como podem explicar que também ateus falem de cidades no mundo espiritual?

E, mais ainda, como justificar que alguns Espíritos (e não estamos referindo a alguma obra de André Luiz), dizem ter sido levados para um hospital ou uma espécie de hospital?

Por outro lado, as crenças teológicas igualmente não dariam guarida à informação de que os recém-desencarnados falam de parentes que vieram recebê-los no portal do além-túmulo.

Algo bem curioso foi falado: que em reuniões mediúnicas não aparecem Espíritos dizendo que estão em alguma colônia espiritual. Sim, segundo a experiência que temos nesse tipo de reunião, do mesmo modo não vimos.

Mas a grande questão é: por que não aparecem por lá? Simplesmente porque os Espíritos

que são levados às reuniões mediúnicas para esclarecimento estão em alguma região trevosa, no popular umbral, e são levados a elas para serem esclarecidos. Os Espíritos socorristas, residentes nas colônias, os buscam para continuar, de bom grado, lhes prestando ajuda.

A vida espiritual é uma ocupação contínua

Como vimos em *O Livro dos Espíritos*, sem meias palavras, foi afirmado que: “**A vida espiritual é uma ocupação contínua**, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, [...]. (128)

Em razão disso perguntávamos: “Se a vida espiritual é uma ocupação contínua” não seria mais provável que os Espíritos tenham construído ambientes apropriados utilizando-se da matéria etérea própria do plano espiritual, em vez de ficarem “vagando” espaço afora?

Em nosso artigo *Espíritos que orientam outros no planejamento reencarnatório* (129), cuja epígrafe é “É muito difícil convencer as pessoas a pensar sobre a realidade de um modo diferente, se elas não são capazes de percebê-la, ou se já possuem uma opinião formada.” (Dr. SAM PARNIA), desenvolvemos os argumentos que se seguem.

Interessante é que, mesmo já estudando o Espiritismo por mais de três décadas, sempre acontece de passarmos por cima de certos detalhes importantes. Para que não se perca o que recentemente vimos, resolvemos registrar a nossa “nova” descoberta, porquanto a experiência nos recomenda que não devemos confiar só na memória.

À pergunta: Existem Espíritos dedicados à tarefa da encarnação dos homens? Respondemos que não só, mas também da dos animais. Na **Revista Espírita 1868**, mês de setembro, foi publicada uma mensagem, recebida na Sociedade Espírita de Bordeaux, em abril de 1862, assinada por “Um dos vossos guias espirituais”, da qual destacamos:

A Terra não tem alma que propriamente lhe pertença, porque não é um ser organizado com aqueles que são dotados de vida; ela as tem por milhões que são **os Espíritos encarregados** de seu equilíbrio, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, **da encarnação dos animais que sobrevivem, assim como a dos homens**. Isto não é dizer que esses Espíritos são a causa desses fenômenos; eles os presidem como os funcionários de um governo

presidem a cada um dos órgãos da administração.
(¹³⁰)

É bem provável que alguém venha nos questionar: “Entre as ocupações dos Espíritos tem a de orientar outros no planejamento reencarnatório?” Para responder a esse questionamento recorreremos ao artigo “Ocupações dos Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de junho, registra a mensagem assinado por Gui..., dada na Sociedade de Paris, 16 de fevereiro de 1866, através do médium Sr Leymarie. Destacamos o seguinte trecho:

Os Espíritos, segundo as faculdades adquiridas sobre a Terra, procuram o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo ser libertados, **estejam na noite, não percebendo e não ouvindo nada**, nessa terrível espera que é bem o verdadeiro inferno do Espírito.

A faculdade que tem o Espírito liberto de se dirigir por toda a parte por um simples efeito de sua vontade, permite-lhe encontrar um meio onde suas faculdades possam se desenvolver pelos contrastes e a diferença das ideias. Quando da separação do Espírito e do corpo, se é conduzido, por almas simpáticas, junto daqueles que vos esperam, prevendo a vossa chegada.

Naturalmente, fui acolhido por amigos mais

incrédulos do que eu; mas como nesse mundo tão desprezível, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos brilham, todas as reflexões são bem recebidas, todos os contrastes se tornam a difusão das luzes. Chamado, pela curiosidade, a visitar **grupos numerosos que preparam outras encarnações estudando-lhe todos os lados que deve elucidar o Espírito chamado a retornar sobre a Terra**, fiz uma grande ideia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas ideias às decisões do grupo ao qual pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou bem sobre a Terra; procuram entre vós os elementos de aplicação. **O Espírito aconselhado, fortalecido, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem tropeçar.** Ele terá, em sua peregrinação terrena, uma multidão de invisíveis que não o perderão de vista; tendo participado de seus trabalhos preparatórios, aplaudem seus resultados, seus esforços para vencer, sua firme vontade que, dominando a matéria, permitiu-lhe levar aos outros encarnados um contingente de aquisições e de amor, quer dizer, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, enfim, que os dita em todas as afirmações da ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito quando ele sabe resolvê-los no sentido racional.

Pertencendo ao grupo de alguns sábios que se ocupam da economia política, aprendi a não

desprezar nenhuma das faculdades das quais tanto ri outrora; compreendi que o homem, muito inclinado ao orgulho, se recusa a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora de gênero de espírito. Disse-me também que muitos de meus antigos amigos faziam falsos caminhos, tomando a sombra pela realidade. No entanto, segui o conjunto dos trabalhos da Humanidade, onde nada é inútil. Compreendi mesmo a grande lei da igualdade e da equidade que Deus derramou em todo o elemento humano, e me disse que aquele que não crê em nada, e que apesar disto faz o bem e ama os seus semelhantes, sem esperança de remuneração, é um nobre Espírito, muito mais nobre do que muitos daqueles que, prevendo uma outra vida e crendo no adiantamento do Espírito, esperam uma recompensa. Aprendi, enfim, a ser tolerante, **vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, formigueiro inteligente** que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro. [...].⁽¹³¹⁾

Na *Revista Espírita 1865*, mês de dezembro, no artigo “Espíritos de dois sábios incrédulos aos seus antigos amigos da Terra”, Allan Kardec publica mensagens de dois sábios – Sr. M. L., cirurgião e Gui..., economista –, desencarnados “há pouco”, duas mensagens cada um deles.⁽¹³²⁾ Esclarecemos que Gui..., quando encarnado, segundo nos informa

o Mestre de Lyon, apesar de imbuído de ideias materialistas, “era um homem avançado intelectualmente e moralmente”. (133)

Em relação à mensagem cujo trecho transcrevemos, o Codificador faz considerações e, a nosso ver, só não leva em consideração o que foi dito em relação aquela geração que o Espírito Gui... supunha emigrar logo para regiões superiores, assim, tudo que consta da parte transcrita não fez nenhuma objeção.

No primeiro parágrafo, a referência a Espíritos que “não podendo ser libertados, **estejam na noite**, não percebendo e não ouvindo nada”, a expressão “estejam na noite” se liga aos que se encontram nas trevas, que bem poderia ser algo entendido como umbral. Sobre esse polêmico tema recomendamos o ebook **Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?**, publicado em nosso site. (134)

No terceiro e quatro parágrafos, temos informações de Espíritos que se ocupam em orientar os que lhe são inferiores moralmente no processo reencarnatório, buscando tudo aquilo que os

favorecerá quando retornarem ao palco terreno. E ao que percebemos até mesmo grupos de Espíritos participam dessa nobre missão, o que deixa bem claro, que todos nós estamos amparados por Deus.

Esse tipo de ocupação dos Espíritos também vemos em vários dos relatos de André Luiz, pela psicografia do médium Chico Xavier, apesar do teor das obras, que compõem a série ditada por ele, ser questionado por alguns confrades.

No último parágrafo, o Espírito Gui... confessa pertencer ao grupo de sábios que se ocupam da economia política, demonstrando, que em qualquer ramo de atividade humana, haverá Espíritos que agem no sentido de ajudar a Humanidade. Fica deslumbrado ao perceber “legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, formigueiro inteligente que pressente Deus”, numa atividade constante, nada de “descanso eterno”.

Em ***O Livro dos Espíritos***, nas respostas às questões 344 e 345, os Espíritos envolvidos na Codificação do Espiritismo afirmaram que:

“Desde o instante da concepção, **o Espírito designado para habitar certo corpo** a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz.” e que “A união é definitiva no sentido de que **outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo, [...].**” (135)

Abstraindo da controvérsia quanto ao momento da ligação do Espírito ao corpo (136), o que objetivamos destacar é que, por duas vezes, foi dito sobre o Espírito ser designado para habitar certo corpo, demonstrando, a nosso ver, que as reencarnações de todos os desencarnados são programadas por Espíritos evoluídos, que agem como prepostos de Deus ao fazer a indicação. Assim, o fato de termos Espíritos dedicados a essa nobre tarefa não é algo que deveria causar nenhuma estranheza aos estudiosos do Espiritismo.

Nos relatos de pessoas que passaram por uma EQM (Experiência de quase morte), têm aparecido uma informação bem interessante, quanto ao retorno do paciente ao corpo, às vezes por necessidade, outras por opção. Da obra ***Evidências da Vida Após a Morte***, os autores Jeffrey Long e Paul Perry,

transcrevemos estes dois depoimentos para exemplificar:

1º) Mark

– Mark! Você tem de voltar!

– Voltar? Não! Não posso voltar!

Mais uma vez, a voz disse:

– Você tem de retornar, dei a você [uma] tarefa; você não a terminou.

– Não, não, por favor, Deus, não! Me deixe ficar.
(¹³⁷)

2º) Diane

[...] Quando fiz menção de impedi-lo, minha mão o atravessou. Olhei para a minha mão e pensei: Oh, meu Deus estou morta!

– o Ser de Luz me disse que era minha escolha ficar ou ir, mas que havia mais para eu fazer na vida e não era a minha hora de partir. Ainda hesitando, me disseram que se eu escolhesse voltar me seria concedido certo conhecimento para levar comigo e partilhar com os demais. Após muita conversa, concordei em voltar e, de repente, me encontrei diante de uma construção alta, em formato de cone – tão alta que parecia se elevar infinitamente. Me dissera que este era o Hall do Conhecimento. [...]. (¹³⁸)

Jeffrey Long e Paul Perry “concluíram que as EQMs podem incluir alguns ou todos os 12 elementos” (139), listando-os e explicando-os. Entre eles, destacamos o “Retorno ao corpo, voluntário ou involuntário”, em que comentam: “A pesquisa da NDERF (140) perguntou: ‘Você participou, ou esteve ciente, de uma decisão relacionada ao seu retorno ou corpo?’ A essa pergunta, 58,5% responderam ‘Sim’.” (141)

Não temos dúvida de que isso comprova a existência de Espíritos com a missão de cuidar dos encarnados, quer ajudando-os na programação reencarnatória, quer no cumprimento do que foi programado. Quando dizem da necessidade do paciente voltar para continuar sua missão terrena, demonstram conhecer essa programação.

O que vínhamos percebendo quando de citações de construções no mundo espiritual é que, se não todas, a grande maioria delas tinham relação direta com a ajuda que os Espíritos bons prestavam aos que não se perceberam em uma nova realidade.

A roupa do zuavo fruto de criação fluídica

Sempre estamos diante da inusitada situação de vermos algo numa obra que já lêramos inúmeras vezes, mas só o percebemos na última leitura. Outras vezes, são amigos, dedicados trabalhadores do Espiritismo, que nos apontam esse “algo” que não estávamos vendo, como é o presente caso.

Na **Revista Espírita 1859**, mês de julho, vamos encontrar em “Conversas familiares de além-túmulo” registrados dois diálogos - 10 e 17 de junho - com o Espírito Joseph Mirard, sob o título “O soldado argelino de Magenta” ⁽¹⁴²⁾.

Joseph Mirard foi um soldado que morreu na batalha de Magenta, cuja evocação visou a busca do conhecimento sobre os Espíritos que morrem nas guerras. Eis a informação que encontramos na **WIKIPÉDIA** a respeito dessa batalha:

A Batalha de Magenta foi travada em 4 de junho de 1859 durante a Segunda Guerra de

Independência Italiana contra a Império Austríaco, resultando numa vitória dos exércitos francês e sardo contra os austríacos, sob o comando do general Ferencz Gyulai. Ocorreu perto da cidade de Magenta, no norte da península Itálica. ⁽¹⁴³⁾

Do segundo diálogo, destacamos as seguintes questões:

40. Dissestes-nos que não tínheis revisto ainda o general Espinasse; **como poderíeis reconhecê-lo, uma vez que já não carrega sua farda de general?** – R. Não, mas conheço-o de vista; ademais não temos uma multidão de amigos prontos a nos dar a palavra. Aqui não é como no grande círculo; não se tem medo de se consentir em auxiliar e vos respondo que não há senão os maus velhacos, os únicos que não se veem.

41. **Sob qual aparência estais aqui? - R. Zuavo.**

42. **Se pudéssemos ver-vos, como vos veríamos? – R. Com turbante e calção.**

43. Pois bem! Suponho que nos aparecesse com turbante e calção, **onde apanhastes essa roupa**, uma vez que deixastes a vossa no campo de batalha! – R. Ah! Eis! Nada sei; **tenho um alfaiate que me arranjou esta.**

44. **De que são feitos o turbante e o calção que levais?** Rendei-vos conta disso? – R. Não; isso **diz respeito ao algibebe.** ⁽¹⁴⁴⁾

Na Internet, descobrimos esta imagem da roupa que um zuavo usava (145).



A informação do manifestante é que a roupa, que usava, lhe foi arrumada por um alfaiate. Allan Kardec disse que, em relação à roupa, o Espírito não teria condições de resolver porque não era bastante avançado.

Entretanto, vamos encontrar uma explicação dada por um Espírito superior a respeito da roupa, porém, ela fica como que “escondida” entremeio a informações contida no artigo “Mobiliário de além-túmulo” publicado no mês de agosto na mesma **Revista Espírita 1859**. Mas antes de ir ao ponto, trazemos estes trechos das questões 5, 11 e 26, respectivamente:

[...] O Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço, em nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar. Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e dar-lhes a forma aparente

própria desses objetos. ⁽¹⁴⁶⁾

[...] Tendes provas do **poder de ação que o Espírito exerce sobre a matéria, que estais longe de supor**, como já vos disse. ⁽¹⁴⁷⁾

[...] **o Espírito age sobre a matéria; haure na matéria primitiva universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com aparência de diversos corpos que existem na Terra**, ele pode igualmente operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que a exerce, frequentemente, como um ato instintivo quando isso é necessário, e sem se dar conta dele. [...]. ⁽¹⁴⁸⁾

Fica bem claro que o nosso saber sobre o que os Espíritos podem fazer é pífio; daí, não ter nenhum sentido querermos fechar questão quanto ao que eles podem realizar tendo como elemento o fluido cósmico universal.

Vejamos agora as duas questões mais importantes:

20. A produção de objetos semimateriais é sempre o fato de um ato de vontade de um

Espírito, ou bem exerce, algumas vezes, esse poder com o seu desconhecimento? – R. Ele o exerce FREQUENTEMENTE com o seu desconhecimento.

21. Esse poder seria, então, um dos atributos, uma das faculdades inerentes à própria natureza do Espíritos; seria, de alguma sorte, uma de suas propriedades, como a de ver e de ouvir? – R. Certamente; mas, frequentemente, ele mesmo a ignora. **É então que um outro a exerce para ele, com o seu desconhecimento, quando as circunstâncias o pedem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito do qual acabo de falar, e ao qual ele fez alusão em sua linguagem alegre.**

(¹⁴⁹)

Ora, uma criação fluídica, como querem sempre alegar contra as colônias espirituais, seria produzida pelo próprio Espírito, jamais por um outro, como no caso da roupa. Tal fato, incontestavelmente, prova a possibilidade dos Espíritos criarem mil e uma coisas de acordo com a sua vontade. Óbvio, que quanto mais elevados forem, maior ‘poder’ possuem.

Sim, poderá haver questionamento quanto a explicação dada por esse Espírito superior. Mas então que o contestador vá a todas obras da Codificação e demonstre que São Luís tenha “furado” em alguma

coisa, seja um esclarecimento, uma explicação, etc., pois esse Espírito superior mencionado, cujo nome nós estamos relevando agora, é o próprio.

O que sempre questionamos é: se qualquer desencarnado consegue “fabricar” uma roupa, com a qual se apresenta, o que não fariam um grupo de abnegados Espíritos superiores visando ajudar ao próximo?

Em **A Gênese**, no cap. XIV – Os fluidos, tópico “Elementos fluídicos”, item 7, o Codificador reconhece que:

[...] **Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível**; o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que para nós é ainda mistério. ⁽¹⁵⁰⁾

Pelo andar da carruagem, jamais teremos oportunidade de conhecer novas leis, uma vez que os dogmáticos ficam pé em somente aceitar o que consta das obras publicadas por Allan Kardec.

Conclusão

Em ***A Crise da Morte***, encontramos algo que Ernesto Bozzano disse que cabe muito bem aqui, na Conclusão. No Caso VII - fonte *The Consoling Angel* (The Case of Hattie Jordan), autoria do músico Florizel van Reuter, destacamos de sua explicação sobre as cartas-mensagens de Hattie Jordan à irmã Florence, o seguinte trecho:

Conforme fiz observar, essas cartas-mensagens à irmã são com frequência intercaladas por incidentes e **descrições que dizem respeito à própria existência espiritual, os quais correspondem àquilo que muitos desencarnados comunicantes narram, ou seja: que nas primeiras Esferas da existência espiritual encontramos-nos em um ambiente terreno espiritualizado**, com algo de extraordinário. **Por força da potência criadora do pensamento, os desencarnados acabam se encontrando com muita frequência em um ambiente doméstico parecido com o que os acolhia na Terra, preparado pelas entidades mais próximas a eles. A paisagem é etérea, as roupas e a mobília também; mas, como o corpo**

que reveste o espírito desencarnado também é de natureza etérea, o resultado é uma perfeita relação entre “sujeito” e “objeto”: assim, o ambiente parece absolutamente palpável, como no nosso mundo.

Além disso, no plano espiritual recebe-se a reconfortante notícia de que **as obras e as atividades realizadas na Terra contam, de qualquer maneira, para o início das obras e atividades a serem desenvolvidas na nova Esfera.** Ali também se aprende que uma existência terrena ociosa, preguiçosa, inútil, é a causa das maiores dificuldades para o progresso espiritual.

A esta altura sou induzido a retomar o tema que mencionei no princípio, dirigindo-me em especial àqueles estudiosos da metapsíquica que, mesmo admitindo – como faz o meu amigo Cesare Vesme – que **as provas cumulativas desse gênero são logicamente conclusivas, em termos da interpretação espírita dos fatos, entretanto obstinam em não reconhecer como verídicas – nem mesmo simbolicamente – as narrações dos desencarnados a respeito do ambiente que os acolhe.**

No entanto, eis-nos desta vez diante do caso de uma desencarnada que ao mesmo tempo em que chega a identificar a si mesma fornecendo mais de **300 detalhes pessoais posteriormente comprovados**, *entre uma informação e outra*, transmite noções precisas a respeito da vida espiritual e das condições do lugar em que se encontra; **informações que concordam totalmente com outras análogas fornecidas por**

numerosos desencarnados comunicantes. Muito bom: de acordo com os estudiosos da metapsíquica de que falamos acima (como eu já disse, eles aceitam a existência de autênticos casos de identificação espírita, mas **não dão crédito às mensagens em que são descritas as condições do ambiente espiritual**), tais revelações deveriam ser consideradas como elucubrações antropomórficas do inconsciente dos médiuns. Se nos baseássemos nessa hipótese, **teríamos de concluir que no caso em questão a entidade comunicante era um espírito de desencarnado autêntico, toda vez que transmitia detalhes verídicos a respeito da própria existência terrena, mas transformava-se no mesmo instante em uma efêmera personalidade sonambúlica assim que, entre um detalhe e outro, fornecia informações sobre a própria existência espiritual.** Nós nos questionamos sobre o fato, perguntando se **uma maneira de argumentar como esta deve ser julgada de acordo com a lógica.** Ao contrário, caso os estudiosos da metapsíquica de que estamos falando exigissem uma seleção rigorosíssima das numerosas obras sobre revelações transcendentais – muitas das quais são desvarios onírico-inconscientes facilmente reconhecíveis como tais – eu me declararia plenamente de acordo com eles, acrescentando que o primeiríssimo **critério de seleção a ser adotado deveria ser o de se reconhecer apenas as mensagens transmitidas por entidades de desencarnados que tenham a sua identidade pessoal comprovada, critério que eu me**

comprometi a seguir no presente trabalho e que cumpri, em grau superlativo, no caso apresentado acima. Em outras palavras: se, **com base nos 300 detalhes fornecidos, pode-se considerar comprovada a identificação pessoal da desencarnada Hattie Jordan, então deverão ser aceitos como absolutamente normais os detalhes simultaneamente transmitidos por ela sobre as formas de vida espiritual, uma vez que está claro que o primeiro fator da proposição subentende o segundo.** Desse modo, quem não quer admitir o segundo, por uma questão de lógica, deve também negar o primeiro. E aqueles que rejeitam ambos, embora estando sem razão, pelo menos podem justificar o seu ponto de vista apelando para a lógica. Já não seria possível afirmar o mesmo sobre aqueles que aceitam o primeiro e negam o segundo. E com isso encerro o assunto. ⁽¹⁵¹⁾ (itálico do original)

Que os negadores sistemáticos das colônias espirituais apresentem argumentos lógicos e racionais para derrubar tudo o que Ernesto Bozzano expõe, em sua notável pesquisa, especialmente, quanto a esse caso específico no qual, a nosso ver, apresenta explicação irrefutável a favor delas.

Repetimos: as colônias e o umbral não são exatamente o correspondente a céu, purgatório e inferno dos cristãos tradicionais, como alguns

confrades parecem crer, diante dos argumentos contrários que apresentam aos dois temas.

Aliás, essa ideia é apenas ilação, uma vez que não há provado que todos os Espíritos, incluindo entre eles os ateus e os que não adotavam a doutrina cristã, relataram essas crenças. No caso acima, Voltaire, por exemplo, acreditava no “nada” após a morte.

Na *Revista Espírita 1864*, mês de maio, no artigo “Concurso público de Espiritismo em Lyon e em Bordeaux”, Allan Kardec, a certa altura, judiciosamente, disse: “[...] se as premissas não forem certas, a conclusão não o poderá ser.” (152)

Então, listaremos as premissas equivocados dos dogmáticos:

1ª) Não observar o contexto do “lugares circunscritos” (q. 1012 de *O Livro dos Espíritos*);

2ª) Tomar as colônias e o umbral como se fossem, respectivamente, o “paraíso” e o “inferno” para todos os espíritos;

3ª) Achar que o nosso destino após a morte

será um dos dois;

4ª) Entender que o CUEE é como imaginam;

5ª) Julgar que a “lógica” é critério individual e não um consenso, conforme proposto pelo Codificador;

6ª) Não admitem nada fora das obras da Codificação, fazendo delas o que os cristãos tradicionais fazem com a Bíblia.

Para encerrar, fazemos nossas estas palavras de Allan Kardec, constantes da **Revista Espírita 1865**:

Como antes de tudo buscamos a verdade e não temos a pretensão de ser infalível, quando acontece nos enganarmos não hesitamos em o reconhecer. Não conhecemos nada mais ridículo do que se aferrar a uma opinião errônea. ⁽¹⁵³⁾

Aproveitamos a oportunidade para recomendar aos interessados o nosso artigo **No mundo espiritual há coisas similares às que temos na Terra?**, disponível em nosso site ⁽¹⁵⁴⁾.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém***. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.
- DOYLE, A. C. ***História do Espiritismo***. São Paulo: Pensamento, 1990.
- FINDLAY, J. A. ***No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada***. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- GENTILE, S. e ATANTES, H. M. C. (Org.) ***Entrevistas - Francisco Cândido Xavier/Emmanuel***. Araras (SP): IDE, 1994.
- KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos - Primeira Edição de 18 de Abril de 1857***. São Paulo: IPCE, 2004.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. (PDF) São Paulo: Mundo Maior, 2012.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Sobradinho (DF): EDICEL, 2009.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Sobradinho (DF): EDICEL, 2010.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Sobradinho (DF): Edicel, 2014.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Rio de Janeiro: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 1993.
- LONG, J. e PERRY, P. **Evidências da Vida Após a Morte**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.
- MIRANDA, H. C. **Swedenborg, Uma Análise Crítica**. Rio de Janeiro: CELD, 2014.
- PIRES, J. H. **O Infinito e o Finito**. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1983.
- PIRES, J. H. **O Mistério do Bem e do Mal**. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1992.
- PONSARDIN, M. **Chico Xavier, o Homem e o Médium**. Brasília: Conselho Espírita Internacional, 2011.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. **As Colônias Espirituais e a Codificação**. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2015.
- XAVIER, F. C. **Nosso Lar**. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- XAVIER, F. C. **Os Mensageiros**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

Internet

- CAPA, *Nosso Lar*, disponível em:
<https://www.estudonossolar.com.br/estudonl/images/2022/09/18/entradanossolar1.jpg>. Acesso em: 12 jul. 2023.

- ALLAN KARDEC TV, *Existem as Colônias Espirituais?*, postado em 16.03.2023, disponível em: https://fb.watch/jo0rshmv_Z/. Acesso em: 18 mar. 2023.
- CONTADOR DE SEMANAS ONLINE, *Período 1º abril de 1858 a 31 outubro de 1858*, disponível em: <https://calculareconverter.com.br/contador-de-semanas/>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- MALTA, R. S. *Colônias Espirituais: Análise Doutrinária*, disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MALTA_Ricardo_tit_Colonias_Espirituais.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.
- MIBEBÉ Y YO, *Fecundação*, disponível em: <https://mibebeyyo.mx/images/embarazo/fecundacion-ovulo-ok.webp>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Allan Kardec e a Questão do Momento de Ligação do Espírito ao Corpo*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/995-allan-kardec-e-a-questao-do-momento-de-ligacao-do-espírito-ao-corpo>. Acesso em: 21 out. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Apocalipse - Autorial, Advento e a Identificação da Besta*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/747-apocalipse-autorial-advento-e-a-identificacao-da-besta-ebook>. Acesso em: 18 jul. 2023.

- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/999-criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio>. Acesso em: 08 mai. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Espíritos que Orientam Outros no Planejamento Reencarnatório*, disponível em
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/861-entre-as-ocupacoes-dos-espirtos-tem-a-de-orientar-outros-no-planejamento-reencarnatorio>. Acesso em: 21 out. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Herculano Pires e as Obras de André Luiz*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/350-herculano-pires-e-as-obras-de-andr-luiz>. Acesso em: 08 mai. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Mudanças de Posição Após Publicação da 1ª edição de O Livro dos Espíritos*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/877-o-livro-dos-espirtos-e-as-tres-mudancas-de-posicionamento-da-1-para-a-2-edicao>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *No Mundo Espiritual há Coisas Similares às Que Temos na Terra?*, disponível em:)
<http://www.paulosnetos.net/artigos/send/3-artigos-e-estudos/1045-no-mundo-espiritual-ha-coisas-similares-as-que-temos-na-terra>. Acesso em: 21 out. 2023.

- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/191-possesso-e-incorporao-espritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Umbral: Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/806-umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- TAVARES, L. “*Um Fanático Espírita é Aberração*”, diz *Herculano Pires*, disponível em: <https://se-novaera.org.br/um-fantico-esprita-uma-aberrao-diz-herculano-pires/>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- WIKIPÉDIA, *Batalha de Magenta*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Magenta. Acesso em: 31 jul. 2023.
- WIKIPÉDIA, *Ernesto Bozzano*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano. Acesso em: 19 set. 2023.
- ZUAVO, *Roupa Característica*, disponível em: <https://i.pinimg.com/474x/ba/cc/5f/bacc5f91a84ff3f111b4a5f35a51b56f.jpg>. Acesso em: 30 jul. 2023.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de `Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os Nomes dos Títulos dos*

Evangelhos Designam Seus Autores?; 10) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 12) A Mulher na Bíblia; 13) Todos Nós Somos Médiuns?; 14) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 15) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 16) Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação; 17) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 18) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 19) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 20) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 22) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 23) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 24) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 25) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 26) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 27) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; e 28) Reencarnação e as Pesquisas Científicas, e 29) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia).

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 ALLAN KARDEC TV, *Existem as Colônias Espirituais?*, disponível em: https://fb.watch/jo0rshmv_Z/
- 2 SILVA NETO SOBRINHO, P. *As Colônias Espirituais e a Codificação*, disponível à venda em: https://geec.mercadoshops.com.br/MLB-1903149206-as-colnias-espirituais-e-a-codificaco-JM#position=13&search_layout=grid&type=item&tracking_id=499a741c-c2f5-469c-9bfd-474a9d09d113. Acesso em 27 mar. 2023.
- 3 SILVA NETO SOBRINHO, *Criações fluídicas: Um Breve Ensaio*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/99-criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio>
- 4 PIRES, *O infinito e o finito*, p. 98-100.
- 5 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 174.
- 6 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 102.
- 7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 36, p. 64.
- 8 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. I, item 57, p. 64.
- 9 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 159.
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 345.
- 11 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, Edicel, p. 392.
- 12 CONTADOR DE SEMANAS ONLINE, *Período 1º abril de 1858 a 31 outubro de 1858*, disponível em: <https://calculareconverter.com.br/contador-de-semanas/>.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 28, nessa revista levantamos 31 sessões às sextas-feiras, comprando que elas ocorriam uma vez por semana.
- 14 KARDEC, *A Gênese*, p. 20.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 252.
- 16 Elas surgiram naturalmente em nossas pesquisas, sem que tivéssemos feito um levantamento específico de

todas as mudanças ocorridas.

- 17 SILVA NETO SOBRINHO, *Mudanças de Posição Após Publicação da 1ª Edição de O Livro dos Espíritos*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/877-o-livro-dos-espíritos-e-as-tres-mudancas-de-posicionamento-da-1-para-a-2-edicao>
- 18 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de Abril de 1857*, p. 55.
- 19 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 344, p. 225; MIBEBÉ Y YO, *Fecundação*, disponível em: <https://mibebeyyo.mx/images/embarazo/fecundacion-ovulo-ok.webp>
- 20 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de Abril de 1857*, p. 67.
- 21 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 93-95, p. 104.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de Abril de 1857*, p. 65.
- 23 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 607, p. 336-337.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.
- 25 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 104.
- 26 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 12
- 27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, Mundo Maior, p. 18.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 377.
- 29 TAVARES, “*Um fanático espírita é aberração*”, diz *Herculano Pires*, disponível em: <https://se-novaera.org.br/um-fantico-esprita-uma-aberrao-diz-herculano-pires/>
- 30 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 104.
- 31 Sugestão do amigo Ricardo dos Santos Malta, adv.
- 32 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 384.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 102.

- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 307.
- 35 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 230.
- 36 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 100-101.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 134.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 2-3.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 190-191.
- 40 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 166-167.
- 41 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, Edicel, p. 282.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 192.
- 43 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 338.
- 44 Ao final deste artigo há uma nota, com o seguinte teor: “Este artigo, assim como o do número precedente, sobre a apreensão da morte, foram extraídos da nova obra [*O Céu e o Inferno*] que o Sr. Allan Kardec colocará proximamente no prelo. [...]. (KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 74)
- 45 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 72.
- 46 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 47 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 38.
- 48 GENTILE e ATANTES (Org.) *Entrevistas - Francisco Cândido Xavier/Emmanuel*, p. 23-24.
- 49 Nota da Transcrição: Léon Denis. *Depois da Morte*. FEB. Ano 2005. Pág. 215.
- 50 MALTA, *Colônias Espirituais: Análise Doutrinária, disponível em:*
https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MALTA_Ricardo_tit_Colonias_Espirituais.pdf
- 51 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 51, 55, 58, 110, 123 e 205.
- 52 PONSARDIN, *Chico Xavier, o Homem e o Médium*, p. 93.
- 53 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 91.
- 54 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 180.

- 55 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 253.
- 56 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 91 e KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 325.
- 57 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.
- 58 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 473 e 474, p. 233-234; KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, item 241, p. 262.
- 59 WIKIPÉDIA, *Ernesto Bozzano*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano
- 60 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/191-possesso-e-incorporao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- 61 PIRES, *O Mistério do Bem e do Mal*, p. 72-74.
- 62 SILVA NETO SOBRINHO, *Herculano Pires e as Obras de André Luiz*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/350-herculano-pires-e-as-obras-de-andr-luiz>
- 63 SILVA NETO SOBRINHO, *Umbral: Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/806-umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo>
- 64 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 20-21.
- 65 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 21.
- 66 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 22-23.
- 67 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 40-41.
- 68 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 41.
- 69 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 45-46.
- 70 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 61.
- 71 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 71-72.
- 72 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 73.
- 73 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 80-81.

- 74 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 88-89,
- 75 BOZZANO, *A Crise de Morte*, p. 102.
- 76 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 104-106.
- 77 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 108.
- 78 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 131-132.
- 79 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 134.
- 80 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 174.
- 81 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 175-176.
- 82 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 204.
- 83 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 204-205.
- 84 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 241.
- 85 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 239-240.
- 86 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 245.
- 87 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 58.
- 88 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 127.
- 89 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 128-130.
- 90 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 131.
- 91 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 138-139.
- 92 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 140-141.
- 93 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2165-2166.

- 94 SILVA NETO SOBRINHO, *Apocalipse - Autoria, Advento e a Identificação da Besta*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/747-apocalipse-autoria-advento-e-a-identificacao-da-besta-ebook>
- 95 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 33.
- 96 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 168.
- 97 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 169.
- 98 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 261.
- 99 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172-173.
- 100 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, IDE, p. 160.
- 101 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, FEB, p. 483.
- 102 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 81.
- 103 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 160.
- 104 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 16.
- 105 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 324-326.
- 106 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 16-17.
- 107 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, EDICEL, p. 177.
- 108 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 161-162.
- 109 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 98-101.
- 110 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 101-105.
- 111 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 530-531.
- 112 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 37.
- 113 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 443.
- 114 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 216.
- 115 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, Edicel, p. 270.
- 116 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 445.
- 117 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 102.
- 118 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 203-204.

- 119 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 208.
- 120 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 180-182.
- 121 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 51, 55, 58, 110, 123 e 205.
- 122 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 126.
- 123 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 36 e 43.
- 124 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 183.
- 125 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 319-320.
- 126 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 158-159.
- 127 MIRANDA, *Swedenborg, Uma Análise Crítica*, p. 76-77.
- 128 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 261.
- 129 SILVA NETO SOBRINHO, *Espíritos que orientam outros no planejamento reencarnatório*, disponível em <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/861-entre-as-ocupacoes-dos-espíritos-tem-a-de-orientar-outros-no-planejamento-reencarnatorio>
- 130 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 263.
- 131 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 184-185.
- 132 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 378-385.
- 133 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 186.
- 134 SILVA NETO SOBRINHO, *Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/806-umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo>
- 135 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 188.
- 136 Esse tema nós o tratamos no artigo "*Allan Kardec e a questão do momento de ligação do Espírito ao corpo*", disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/995-allan-kardec-e-a-questao-do-momento-de-ligacao-do-espírito-ao-corpo>
- 137 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 67.

- 138 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 83-84.
- 139 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 14.
- 140 NDERF: *Near Death Experience Research Foundation* (Fundação de Pesquisas sobre a Experiência de Quase Morte)
- 141 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 25.
- 142 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 184-189.
- 143 WIKIPÉDIA, Batalha de Magenta, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Magenta
- 144 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 187-188.
- 145 ZUAVO, *Roupa Característica*, disponível em: <https://i.pinimg.com/474x/ba/cc/5f/bacc5f91a84ff3f111b4a5f35a51b56f.jpg>
- 146 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 201.
- 147 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 202.
- 148 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 204.
- 149 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 203.
- 150 KARDEC, *A Gênese*, p. 236.
- 151 BOZZANO, *A Crise de Morte*, p. 47-49.
- 152 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 154.
- 153 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 289.
- 154 SILVA NETO SOBRINHO, *No mundo espiritual há coisas similares às que temos na Terra?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/send/3-artigos-e-estudos/1045-no-mundo-espiritual-ha-coisas-similares-as-que-temos-na-terra>